Contos e Lendas Afro-brasileiros

A Criação do Mundo

escrito por Reginaldo Prandi • ilustrado por Joana Lira

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FNDE
PNBE 2009
VENDA PROIBIDA

COMPANHIA DAS LETRAS

Neste livro, ficção e realidade se confundem. O cenário inicial é a viagem de Adetutu, uma jovem mãe africana que é aprisionada e transportada ao Brasil a bordo de um navio negreiro. Em vez de apenas lamentar a sua sina, Adetutu faz da viagem um momento para sonhar com a criação do mundo. Em seu sonho, os orixás — deuses de seu povo — aparecem descritos e transformam-se, eles próprios, em coadjuvantes. Oxalá, Exu, Xangô, Iemanjá, todos participam dessa aventura, narrada por meio de mitos africanos, que aos poucos se tornam também brasileiros. Enquanto o navio busca a costa do Brasil, cada um dos diferentes orixás cumpre seu papel na tarefa da criação do mundo material, da humanidade, da cultura e da sociedade. Numa sacolinha de segredos que leva pendurada no pescoço, Adetutu guarda lembranças com que os orixás a presenteiam. Esses mesmos segredos serão recuperados por Adetutu trinta anos depois, quando eles estarão inseridos na própria cultura brasileira. Adetutu é personagem de ficção, mas somente ela. Os contos e lendas mostrados em seus sonhos fazem parte

CONTOS E LENDAS AFRO-BRASILEIROS

A CRIAÇÃO DO MUNDO

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
BOA
150805
CARÁ-PARÁ
29/04/2014

Prezado leitor, prezada leitora,

Este livro faz parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola — PNBE/2009, composto por várias obras literárias. Elas foram encaminhadas a sua escola com o objetivo de garantir a vocês, alunos, alunas, professores, professoras, e demais profissionais da escola, o acesso à cultura, à informação, estimulando a leitura.

Essas obras farão parte do acervo da biblioteca de sua escola. Assim, é responsabilidade de todos zelar por este livro para que várias pessoas possam se beneficiar deste bem cultural.

Boa leitura!

Outros títulos da Coleção Contos e Lendas:

Contos e lendas afro-brasileiros — A criação do mundo, Reginaldo Prandi
Contos e lendas da África, Yves Pinguilly
Contos e lendas dos cavaleiros da Távola Redonda, Jacqueline Mirande
Contos e lendas do Egito Antigo, Brigitte Évano
Contos e lendas da Europa medieval, Gilles Massardier
Contos e lendas das mil e uma noites, Gudule
Contos e lendas da mitologia grega, Claude Pouzadoux
Contos e lendas do nascimento de Roma, François Sautereau
Contos e lendas dos Vikings, Lars Haraldson
Contos e lendas — Heróis e vilões da Roma Antiga, Jean-Pierre Andrevon
Contos e lendas — Os doze trabalhos de Hércules, Christian Grenier

REGINALDO PRANDI

CONTOS E LENDAS AFRO-BRASILEIROS
A CRIAÇÃO DO MUNDO

Ilustrações de Joana Lira

1ª reimpressão

CIA. DAS LETRAS

Copyright do texto © 2007 by Reginaldo Prandi
Copyright das ilustrações © 2007 by Joana Lira

Capa
Eliana Kestenbaum

Fotos
Reginaldo Prandi

Preparação
Denise Pessoa

Revisão
Elizete Mitestaines
Cláudia Cantarin
Andressa Bezerra da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prandi, Reginaldo
Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo / Reginaldo Prandi ; ilustrações de Joana Lira São Paulo : Companhia das Letras, 2007.

ISBN 978-85-359-1053-7

1. Afro-brasileiros Cultura 2. Contos 3. Criação 4. Lendas 5. Mitologia afro-brasileira I. Lira, Joana. II. Título.

07-4459 CDD-398.23608996081

Índices para catálogo sistemático:
1. Criação do mundo : Mitologia afro-brasileira: Literatura folclórica 398.23608996081
2. Mitologia afro-brasileira : Criação do mundo : Literatura folclórica 398.23608996081

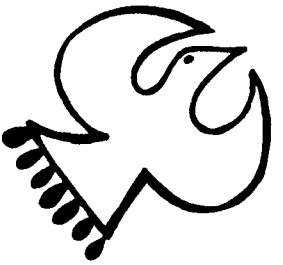
2009

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707 3500
Fax: (11) 3707 3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prólogo: No navio negreiro 7
1. A Terra se expande 13
2. Tem início a maior criação da Criação 27
3. Fazendo cabeças para quem vai nascer 33
4. O mar se mexe e se defende 45
5. Um rio corta a montanha 55
6. Chega de comida crua 63
7. As sementes e a enxada 73
8. Muito inhame para preparar 81
9. Do sopro, tempestade 87
10. Poderes para todos 99
11. A vez da Morte 113
12. Céu e Terra se separam 131
Epílogo: Na cidade do Salvador, Bahia, Brasil 139

Apêndice: Os deuses da mitologia afro-brasileira 153
Nota do autor 219
Agradecimentos 221



PRÓLOGO
NO NAVIO NEGREIRO

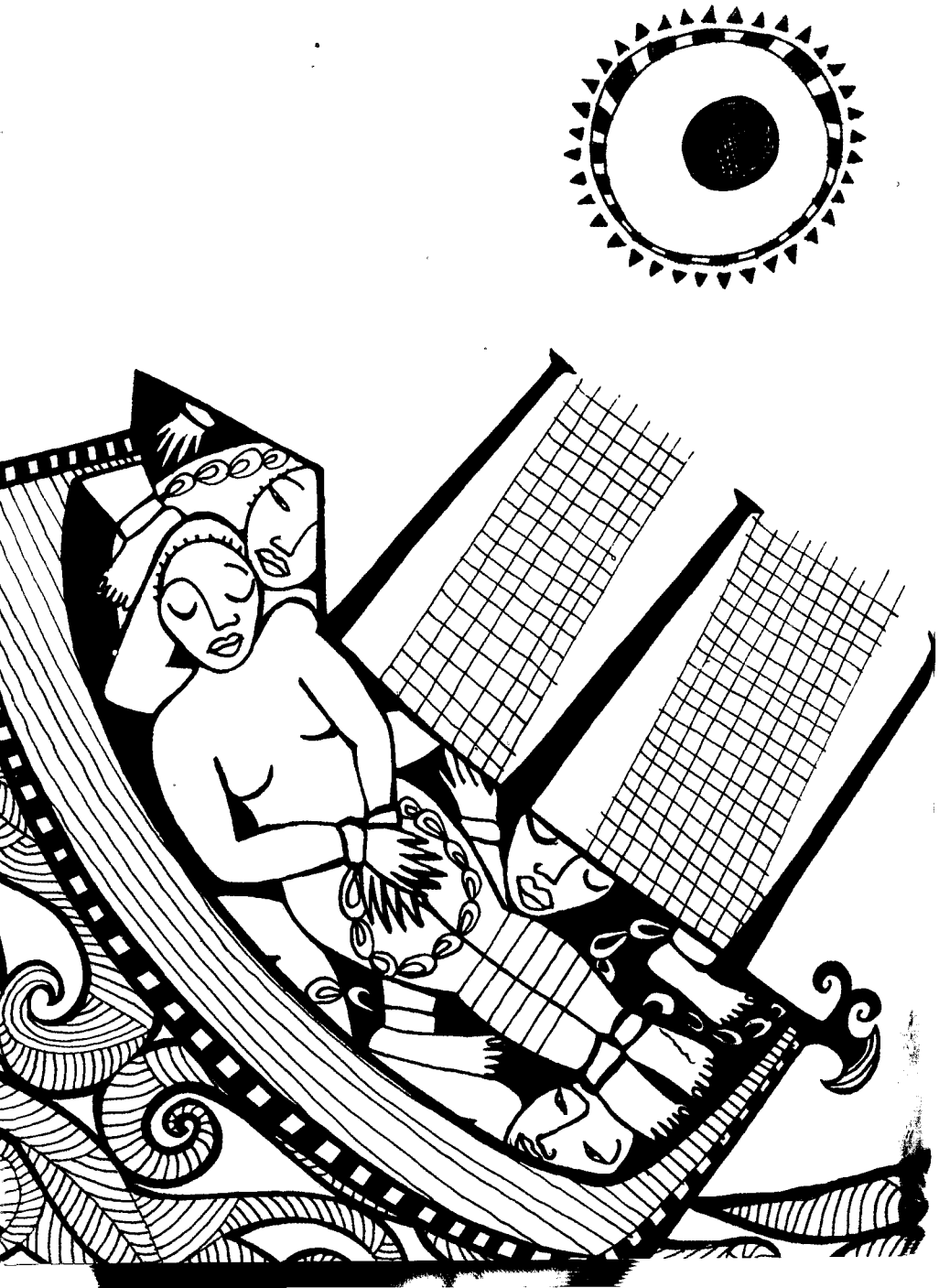
Fechou os olhos tentando dormir. Não conseguia. O balanço do navio negreiro a enjoava, o corpo doía, o corte no pé latejava. Adetutu não tinha forças para nada, a não ser chorar. Onde estariam seus pequenos Taió e Caiandê? Talvez nunca mais os visse, nunca mais os abraçasse nem lhes desse o leite que agora escorria dos seios inchados e doloridos.

Adetutu sentiu nos lábios ressequidos o sal de suas lágrimas; soluçava. No escuro do porão apertado e fétido do navio negreiro, que se arrastava pelo oceano na noite sem estrelas, a mulher deitada ao lado fez um esforço para vencer o peso das correntes que as uniam e apertou o braço de Adetutu

num gesto de conforto. E de dor compartilhada pelo destino comum dos que haviam sido caçados para ser escravos em terras estrangeiras.

Adormeceu e sonhou com seu mundo e sua gente, dos quais fora arrancada para sempre. Sonhou com os dias em que, no templo, cuidava de seu deus Xangô, de quem era filha e sacerdotisa devotada. O pensamento aflito de que Xangô talvez a tivesse abandonado se desvaneceu no sonho. Teve a impressão de ouvir, através das paredes do navio, palavras de encorajamento vindas de Xangô no soar de um trovão.

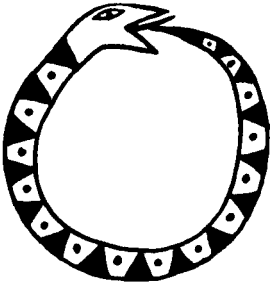
O movimento das ondas, agora suave, embalava seus sentimentos, numa calmaria que lhe renovava as esperanças. Procurava recuperar em suas lembranças as coisas boas que ninguém nunca poderia lhe tirar. Seus deuses, que sua gente chamava de orixás, eram grandes e poderosos. Também haviam sofrido e se desesperado, mas nunca desistiram de ser felizes, realizados, eternos.



Adetutu também não desistiria, prometeu a si mesma. Afinal, não tinham lhe tirado tudo; ela tinha suas memórias, sabia quem era, de onde vinha. Tinha orgulho de sua origem nobre, de seus deuses, de seus ancestrais, que venerava com desvelo sincero. Seu nome, Adetutu, significava A-Coroa-É-Paciente, ou A-Princesa-Sabe-Esperar. Ela resistiria.

No sonho embalado pelo sobe-e-desce das ondas, Adetutu se agarrou aos orixás, que reacendiam suas esperanças. Juntou-se a eles no sonho, que não era mais um simples sonho, e reviveu com fé as aventuras dos deuses na criação do mundo, o mundo de Adetutu e dos outros africanos que, como ela, vinham sendo transportados para o Brasil naquele e em incontáveis outros navios negreiros, o mundo de todos nós.

A caminho do cativeiro, Adetutu sonhou com a criação do mundo.



1

A TERRA SE EXPANDE

Adetutu se viu em meio ao nada, como se coisa nenhuma existisse à sua volta. Estava completamente só, sem ninguém com quem falar, sem nada para fazer. Imaginou como teria sido a solidão de Olorum antes da criação do mundo. Porque, antes do início dos tempos, Olorum, o Ser Supremo, já habitava a eternidade. Ele vivia só, e tudo à sua volta era igual, sem diversidade e sem movimento. Acabou se cansando de tanto nada, de tanta mesmice, e decidiu fazer um mundo onde seu olhar pudesse pousar a cada instante numa coisa diferente. Queria que tudo se movesse e se transformasse. Imaginou um mundo em que até mesmo a repetição daria origem a novidades.

Olorum criou os orixás e atribuiu a cada um deles um de seus poderes, para que juntos governassem o mundo em seu nome.

Antes de mais nada, foi preciso criar a Terra e o firmamento e o que neles deveria existir. Oxalá, o filho mais velho de Olorum, recebeu esse encargo. Olorum entregou-lhe o sáco da Criação, que continha toda a matéria necessária para a produção pretendida, e disse:

"Vá e crie."

Antes de Oxalá partir, Olorum recomendou:

"Nada mais será como foi até agora. O mundo começará a existir. Lembre-se de que Exu, o mais novo de seus irmãos, recebeu de mim o poder da transformação. Sem esse poder, nada se faz: não se cria e não se destrói; não se faz crescer ou definhar nem mesmo o mais insignificante dos seres. Faça uma oferenda a Exu, você sabe do que ele gosta, e ele o ajudará na criação do mundo."

Oxalá despediu-se e seguiu estrada afora, levando o saco da Criação nas costas. O fardo era pesado, a viagem, longa e cansativa. Ao passar sob uma árvore de galhos longos e roliços, cortou uma vara e improvisou um cajado para nele se apoiar ao longo da jornada. Ele criaria o mundo, criaria o Sol e as estrelas, a Terra e a Lua. Povoaria a Terra de mares e serras e rios e planícies e planaltos e cachoeiras. Depois cobriria as superfícies de terra firme com plantas de todos os tipos e tamanhos. Criaria os animais. A cada pensamento que surgia na mente fértil de Oxalá, a matéria se agitava no saco da Criação, que parecia ter ganhado um pulsar lento mas regular, e ficava cada vez mais pesado. A vida já se manifestava no saco da Criação.

Adetutu seguia Oxalá, cuidando para não ser vista. Já conhecia a história, que a avó lhe contara muitas vezes, e queria comprovar com os próprios olhos se era mesmo verdadeira.

De longe, Exu também acompanhava Oxa-

lá, na esperança de ser chamado para dar sua contribuição à grande obra. Ao contrário de Adetutu, Exu fazia questão de se mostrar. Mas Oxalá, preocupado demais em elaborar em sua cabeça o projeto do mundo, nem notava a presença de Exu.

A cada passo que avançava na viagem da Criação, Oxalá ia se convencendo de que não devia nada ao irmão caçula. Ele criaria o mundo, essa era sua missão, tinha o poder para isso. Ele seria grande, pensava, seria o maior dos orixás, e sua obra, inigualável. Não tinha por que se preocupar com Exu. Talvez devesse lhe fazer um agradinho, lhe dar uns inhames assados e meia cabaça de aguardente, de que o irmãozinho tanto gostava. Mas se ele, Oxalá, estava destinado a ser o Grande Orixá, por que razão deveria se preocupar em fazer oferendas ao irmão para que ele o ajudasse? Faria tudo sozinho, tinha o saco da Criação! Em breve seria aclamado por todos. O mundo, agradecido, lhe renderia as devidas homenagens.

Assim pensando, Oxalá esqueceu Exu completamente. Não se lembrou de que sem o controle sobre o movimento, poder que pertencia a Exu, nenhuma empreitada poderia dar certo. Nem uma coisinha qualquer, imagine a criação do mundo! Mas Oxalá era Oxalá. Já se imaginava o Criador.

Desgostoso com o descaso do irmão, Exu tratou de lembrá-lo de que sem sua participação nada de concreto resultaria da imaginação.

Naquele tempo Oxalá ainda não tinha esse nome, que na língua dos orixás quer dizer Grande Orixá. Era chamado de Obatalá, que significa Senhor-do-Pano-Branco, nome que ganhara por causa de seu gosto por tudo que era branco e imaculado, a começar de suas vestes.

Para mostrar a Oxalá que ele não era tão auto-suficiente e poderoso como imaginava, Exu lhe preparou três incidentes.

Primeiro fez Oxalá cair e sujar as vestes na lama da estrada. Oxalá não suportava a

sujeira, e teve que voltar para casa para se trocar. Perdeu um tempão.

Adetutu lamentou a sorte de Oxalá e quis avisá-lo para tomar cuidado com as vasilhas cheias de azeite de dendê que encontraria pela frente, mas ficou em dúvida se ele lhe daria ouvidos. Concluiu que era melhor ficar quieta.

Mais adiante Oxalá tropeçou numa cabaça de azeite de dendê, e de novo sua roupa teve que ser substituída.

Exu a tudo assistia e se divertia muito com a caminhada acidentada do irmão mais velho.

Adetutu se mantinha escondida atrás do tronco de uma árvore. Depois de algum tempo, saiu do esconderijo, convencida de que os orixás não se perturbariam com sua presença. Foi quando teve a impressão de que Exu havia piscado para ela, num sinal de cumplicidade. Adetutu ficou com pena de Oxalá, imaginando as armadilhas que Exu ainda ia preparar para ele. Devia intervir, avisar Oxalá? Desistiu. Sabia que de nada

adiantaria. Oxalá era famoso pela teimosia. E a história da Criação, afinal, era desse jeito mesmo.

Na terceira vez, foi com carvão que Oxalá se sujou. E lá foi ele de novo se trocar. Que perda de tempo! Mesmo assim Oxalá não se lembrou de pedir auxílio a Exu. Não lhe deu nada de presente, não fez nenhuma oferenda.

Odudua, outro irmão de Oxalá, que acompanhava tudo com muito interesse e certa dose de inveja, resolveu tirar proveito da situação. Uma vez que o desastrado irmão se mostrava incapaz de cumprir logo sua tarefa, por que não tomar para si a incumbência? Afinal, o mundo não podia ficar esperando Oxalá mudar de roupa indefinidamente. Odudua começou a sonhar que bem poderia ser ele o Criador. Cada vez mais convencido da incapacidade de Oxalá, Odudua foi se aconselhar com seu irmão Ifá, um adivinho que sabia tudo sobre o presente, o passado e o futuro.

Adetutu o seguiu. Queria ver como o oráculo funcionava.

Ifá jogou seus dezesseis búzios mágicos no chão, estudou o desenho que eles formaram e disse a Odudua que suas pretensões poderiam se concretizar. Antes de mais nada, deveria oferecer a Exu uma porção de inhames, uma cabaça de aguardente, uma de azeite de dendê e outra de água fresca, além de dezesseis punhados de búzios. Ah!, e uma boa porção de pimenta-da-costa. Ao se dirigir para o lugar onde o mundo ia ser criado, deveria levar uma galinha de cinco dedos em cada pé, um camaleão e quarenta e uma correntes de ferro, que alguns dizem ter sido em número de quatrocentas mil e uma. Mas antes tinha que se apropriar do saco da Criação, evidentemente.

É claro que todas as coisas mencionadas até aqui existiam apenas na mente dos deuses, pois o mundo de verdade, tal como o conhecemos, e tudo o que há nele, ainda não fora criado.

Odudua deixou o presente para Exu numa encruzilhada, de onde ele vigiava quem ia de um lugar a outro, e se pôs a caminho do lugar da Criação.

Enquanto isso, Oxalá, prestes a cumprir seu destino, se arrastava sob o sol quente, levando às costas o saco da Criação, que a cada passo ficava mais pesado. O calor era abrasador, e uma sede tremenda lhe secava a boca.

Oxalá parou sob um dendezeiro e com seu cajado fez um furo no caule da palmeira. Do buraco jorrou um vinho fresco e encorpado. Oxalá bebeu do vinho-de-palma até matar a sede, mas a bebida lhe deu muito sono. Ali mesmo, na estrada, Oxalá adormeceu, embriagado.

Adetutu só não aproveitou para tirar uma soneca porque não queria perder nada.

Mais que depressa, Odudua, que de longe acompanhava com o maior interesse os movimentos do irmão, aproximou-se e sacudiu Oxalá. Constatando que Oxalá não acordaria

tão cedo de seu sono entorpecido, Odudua pegou o saco da Criação, pôs nas costas e seguiu adiante, deixando Oxalá com seus sonhos de Criador.

Chegando ao lugar da Criação, Odudua pegou as quarenta e uma correntes de ferro que trazia, uniu uma à outra para formar uma só corrente e por ela desceu até a superfície das águas. Do saco da Criação tirou um punhado de terra que atirou sobre as águas, e ali se formou um montículo, uma pequena ilhota. Em seguida soltou a galinha de pés de cinco dedos, e ela se pôs a ciscar, espalhando por todos os lados a terra do montículo. Uma grande superfície sólida foi se formando sob os pés da galinha. O chão alastrou-se até onde os olhos de alguém já não podiam enxergar.

Maravilhada, Adetutu, que se lembrava bem dessa passagem, exclamou junto com Odudua:

"Ilê Ifé."

Na língua dos iorubás, o povo de Adetutu,

Ilê Ifé quer dizer A Terra se Expande. Segundo suas tradições, a cidade de Ilê Ifé estaria localizada no lugar desse episódio da Criação. Ilê Ifé, que hoje é uma cidade da Nigéria, é considerada pelos iorubás tradicionais a origem do mundo, de onde o homem se dispersou pela Terra. É a cidade sagrada dos iorubás, o umbigo do universo.

Desejando verificar se o mundo estava suficientemente sólido, Odudua fez descer pela corrente o camaleão, que andou com segurança pela Terra e voltou são e salvo às suas mãos. Com outros punhados do pó da Criação, foi acrescentando ao mundo tudo o que nele deveria existir.

Pronto! O mundo estava criado. Satisfeito, Odudua voltou para a casa do Pai para lhe dar a boa-nova.

Adetutu foi transportada para o alto, e de lá viu o mundo acabado de nascer. Avistou de longe uma terra verdejante, cortada por rios azuis, que seu coração dizia ser o lugar onde no futuro ficaria seu país. Viu o lugar

onde, um dia, seus ancestrais fundariam a aldeia em que ela nasceria. Ali seria criada, casaria e teria filhos. Naquele lugar seria feliz, até o dia em que os caçadores de escravos mudariam sua vida por completo.

Lá do alto, ela achou tudo tão bonito que não se conteve e aplaudiu a Criação. Exu, que lhe fazia companhia, se sentiu lisonjeado pelo aplauso, que julgou ser dirigido exclusivamente a ele. Em retribuição, deu a Adetutu um saquinho de pano com a boca amarrada por um cordão de palha-da-costa.

"É para guardar segredos", ele disse.

Ela agradeceu e pendurou a sacolinha no pescoço.

No chão do navio, Adetutu se virou. Dormia agora.

2

TEM INÍCIO A MAIOR CRIAÇÃO DA CRIAÇÃO

Ao acordar, Oxalá não podia acreditar no que seus olhos viam. Estava tudo mudado. O mundo agora existia!

Onde antes não havia nada, viam-se campos, rios, mares. Plantas de todas as formas e tamanhos forravam o chão da Terra, peixes enchiam os mares de formas e movimentos, bandos de pássaros animavam os ares em revoadas coloridas e sonoras. A luz estava em todos os lugares. O Sol, no firmamento, iluminava o dia. E depois do dia vinha a noite, e com ela o escuro, quebrado pelo clarão da Lua e pelo cintilar das estrelas. Oxalá se comoveu com tanta beleza e se aqueceu no calor do universo recém-nascido.

De repente se deu conta: quem era o

responsável por aquilo tudo, se ele dormira nas últimas horas? Procurou o saco da Criação e não o achou. Mais que depressa, Oxalá tratou de voltar à casa de Olorum. No caminho, ao passar por uma encruzilhada, deu de cara com Exu terminando sua refeição, lambendo os beiços de prazer. Zombeteiro, Exu disse:

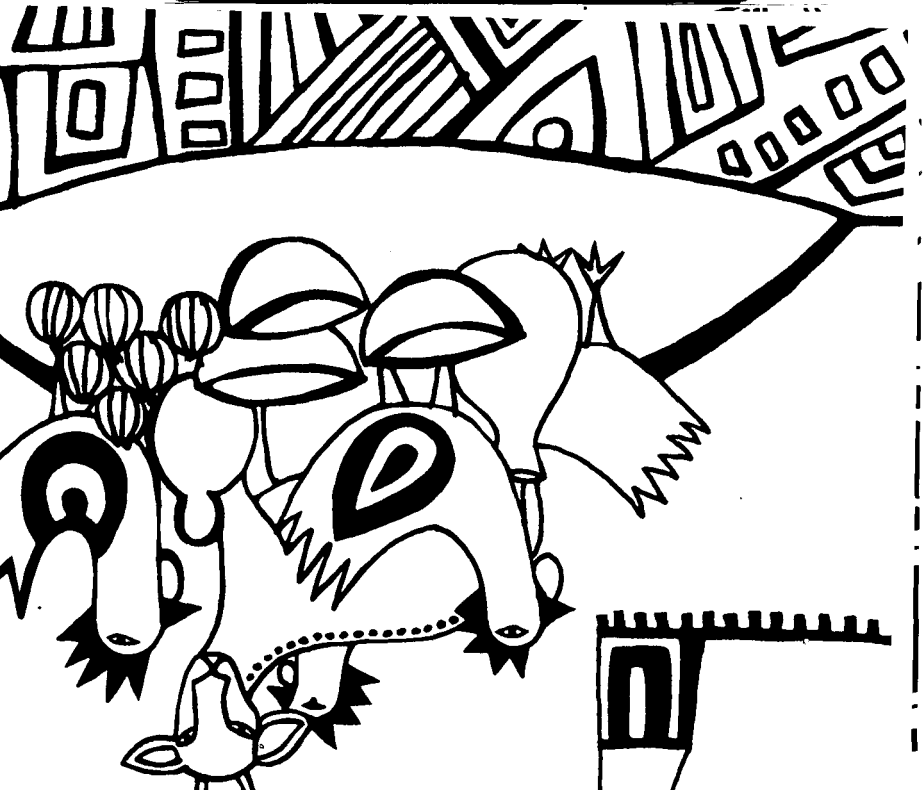
"Os inhames que ganhei de Odudua estavam soberbos. E você, meu caro irmão mais velho, apreciou o vinho-de-palma?"

Oxalá não precisou ouvir mais nada: fora passado para trás. Enganado por seu próprio orgulho e presunção.

Adetutu sentiu pena de Oxalá e resolveu lhe fazer companhia no caminho para o palácio de Olorum. Mas Oxalá não lhe deu atenção, estava deprimido demais. Ou será que ele não percebia que ela estava ali, será que ela ainda não existia?, pensou a menina.

Na casa de Olorum, Oxalá foi duramente repreendido.

"Nunca mais beberá vinho-de-palma nem



comerá nada que se extraia da palmeira de dendê", determinou o Ser Supremo, como castigo. "Nem você, nem nenhum de seus descendentes."

Oxalá estava arrasado, evidentemente, e não ousava olhar o Pai nos olhos. O Ser Supremo então disse:

"Ainda falta o mais importante no mundo. Eu pus na sua cabeça a semente de uma idéia que não pus no saco da Criação. Apesar de tudo, você é meu primogênito e há de ser lembrado como Oxalá, o Grande Orixá."

Oxalá sentiu que alguma coisa se mexia em sua cabeça. Então o Pai lhe disse:

"Vá e crie."

Oxalá partiu com destino ao mundo.

Olorum mandou chamar Exu e ordenou:

"Acompanhe seu irmão mais velho. Espero que desta vez ele não beba. E você, nada de trapaças."

Oxalá tratou de passar bem longe do dendezeiro. Compenetrado, sempre lembrando que dessa vez devia tentar ser humilde, Oxalá

depositara na primeira encruzilhada, como presente para Exu, um cabrito, quatro galos, cebolas, azeite de dendê, sal, pimenta e noz-de-cola, uma cabaça de aguardente, uma de mel e outra de água fresca. Um verdadeiro banquete dos deuses, que Exu adorou.

Adetutu sentia que suas pernas e braços, seus pés e mãos, todas as partes de seu corpo, enfim, eram apertadas por mãos vigorosas, como se alguém a estivesse modelando, ajustando aqui, dando forma ali. Depois sentiu no rosto o calor de um sopro e ouviu palavras de ordem que a chamavam para a vida.

Oxalá estava criando o ser humano.

3

FAZENDO CABEÇAS PARA QUEM VAI NASCER

Com as próprias mãos, Oxalá amassou o barro e com ele modelou os bonecos aos quais deu a vida com o sopro de Olorum, transformando-os em seres humanos. Mas isso também não foi nada fácil. O Criador fracassou várias vezes antes de chegar à matéria-prima mais adequada para a modelagem dos humanos.

Primeiro os fez de ar, mas eles se desvaneciam, sem consistência. Com água também não funcionou: as criaturas lhe escorriam por entre os dedos, caíam num jorro e se infiltravam no solo.

Oxalá achou que tinha que dar mais solidez ao ser humano e tentou fazê-lo de pau. Agora sim, os novos seres se mantinham

firmes e não lhe escapavam das mãos. Só que ficaram duros demais, quase nem podiam se mexer.

E assim Oxalá foi experimentando tudo quanto era material que lhe parecia apropriado. De ferro, os modelos do ser humano ficaram pesados demais. De massa de inhame ficaram leves, mas muito moles.

Adetutu ficou tentada a sugerir a Oxalá que pedisse ajuda a Exu, mas decidiu não se meter na Criação. Exu insistia em seu ouvido:

"Diga a ele para me pedir ajuda, diga."

Ela preferiu ficar quieta. Mas Oxalá, talvez ciente da conversa de Exu com Adetutu, chamou o irmão e lhe deu de presente um galo preto bem gordo para reforçar a oferenda anterior.

Passou-se algum tempo e nada aconteceu. Frustrado e com medo do fracasso, Oxalá se sentou às margens de um lago para descansar e refletir.

Nanã, que habitava o fundo daquelas águas,

veio em socorro de Oxalá. Quando Nanã saiu do lago, a visão de seu corpo feito de lama iluminou a mente de Oxalá.

"Você, que é a mais antiga de nós, se move tão bem com seu corpo de lama. E como é bela!", ele disse. "De lama poderia ser também o corpo dos humanos."

Adetutu imaginou seu corpo feito de lama e avaliou que não ficara nada mau.

Nanã disse:

"Pode usar a lama e fazer quantos humanos quiser. Mas se um dia não tiver mais um bom uso para suas criaturas e decidir se desfazer delas, terá que me devolver a matéria-prima."

"Feito", concordou Oxalá, satisfeito com o trato, achando que nunca teria de devolver nada a Nanã.

Então, com uma porção de barro do fundo do lago, Oxalá modelou sua criatura e lhe deu vida. Fez corpo, cabeça e membros. Recheou com o coração, os pulmões, as tripas e os demais componentes que preenchem

a barriga. Fez dois modelos quase iguais. Num, pôs pênis e testículos; no outro, ovários, útero e vagina, e seios cheios de leite. Para que a criatura dotada de pênis penetrasse a criatura dotada de vagina, e suas sementes se misturassem e produzissem outras criaturas, sem mais trabalho para Oxalá, que assim poderia descansar.

Caprichou o quanto pôde. Só esqueceu de pôr alguma coisa dentro da cabeça.

Dotados de vida, os seres, que foram chamados homem e mulher, não pensavam, não agiam, nem mesmo se interessavam um pelo outro. Bela reprodução!, pensou Oxalá, desolado.

Foi consultar o adivinho Ifá para saber onde errara.

Seguia acompanhado de Adetutu, que segurava sua mão e procurava encorajá-lo.

O resultado da consulta ao oráculo foi bastante promissor. Disse Ifá:

"Está tudo certo, meu irmão. Você apenas esqueceu de dar a cada ser humano um

destino, as vontades e o raciocínio próprio. Basta completar sua obra, e ela funcionará."

"Ah, bom!", reagiu Oxalá, aliviado.

Oxalá pagou a Ifá duas porções de azeite e dezesseis fieiras de búzios pela adivinhação, despediu-se e, depois de deixar na encruzilhada mais um agradinho para Exu, foi à casa de outro irmão, o oleiro Ajalá.

Combinaram que a partir de então, para cada homem ou mulher, Ajalá forneceria o recheio do crânio, que conteria o destino e a personalidade de cada um.

Assim foi feito.

Bastou que as criaturas recebessem o que está dentro da cabeça para saírem pelo mundo como seres humanos prontos para a vida.

De seu palácio, Olorum sorriu para Oxalá, agradecido, e se retirou para seus aposentos.

Oxalá estava cansado, muito cansado, mas a obra, enfim, estava feita.

Antes de voltar para casa, deu a Adetutu um caracol, que ela guardou na sua sacolinha de segredos.

E desde então os homens se multiplicaram e tomaram conta da Terra. Hoje são seus senhores. E Oxalá pôde descansar.

A labuta do oleiro Ajalá, entretanto, prossegue até os dias de hoje: antes de nascer, cada ser humano deve passar na olaria de Ajalá e escolher uma cabeça para si. O trabalho de Ajalá não cessa, sempre é preciso fazer novas cabeças. Nunca pára de nascer gente.

Ajalá faz as cabeças de barro e depois as cozinha no forno. Nem sempre a tarefa é bem-sucedida. Ajalá às vezes bebe demais e erra o ponto, de modo que algumas cabeças saem meio cruas, outras cozidas demais, quando não tortas, ocas, malformadas. Na pressa de nascer, os seres humanos pegam qualquer cabeça. Pobre de quem nasce com uma cabeça daquelas...

Adetutu, ao se lembrar desse pormenor, chacoalhou bem sua cabeça, querendo se certificar de que era boa. "Louca eu não sou", ela concluiu, satisfeita.

Teve pena de Ajalá. Tanta trabalheira, e quase ninguém se lembrava dele, poucos lhe faziam festa. Adetutu tinha aprendido que Iemanjá cuidava das cabeças. Alguém lhe dissera: "Ajalá faz, Iemanjá conserta". Então ela se lembrou da história.

Houve um tempo em que Iemanjá foi casada com Oxalá. Ela tinha uma missão muito bem definida: tomar conta de Oxalá e de sua casa. Devia cuidar para que nada lhe faltasse, dando-lhe o carinho e as honras merecidos por aquele que havia criado a humanidade. Afinal, eram os homens que alimentavam os deuses, e seu Criador merecia um lugar muito importante entre os orixás.

Iemanjá achava que a missão não lhe dava o prestígio merecido. Cuidar de Oxalá era

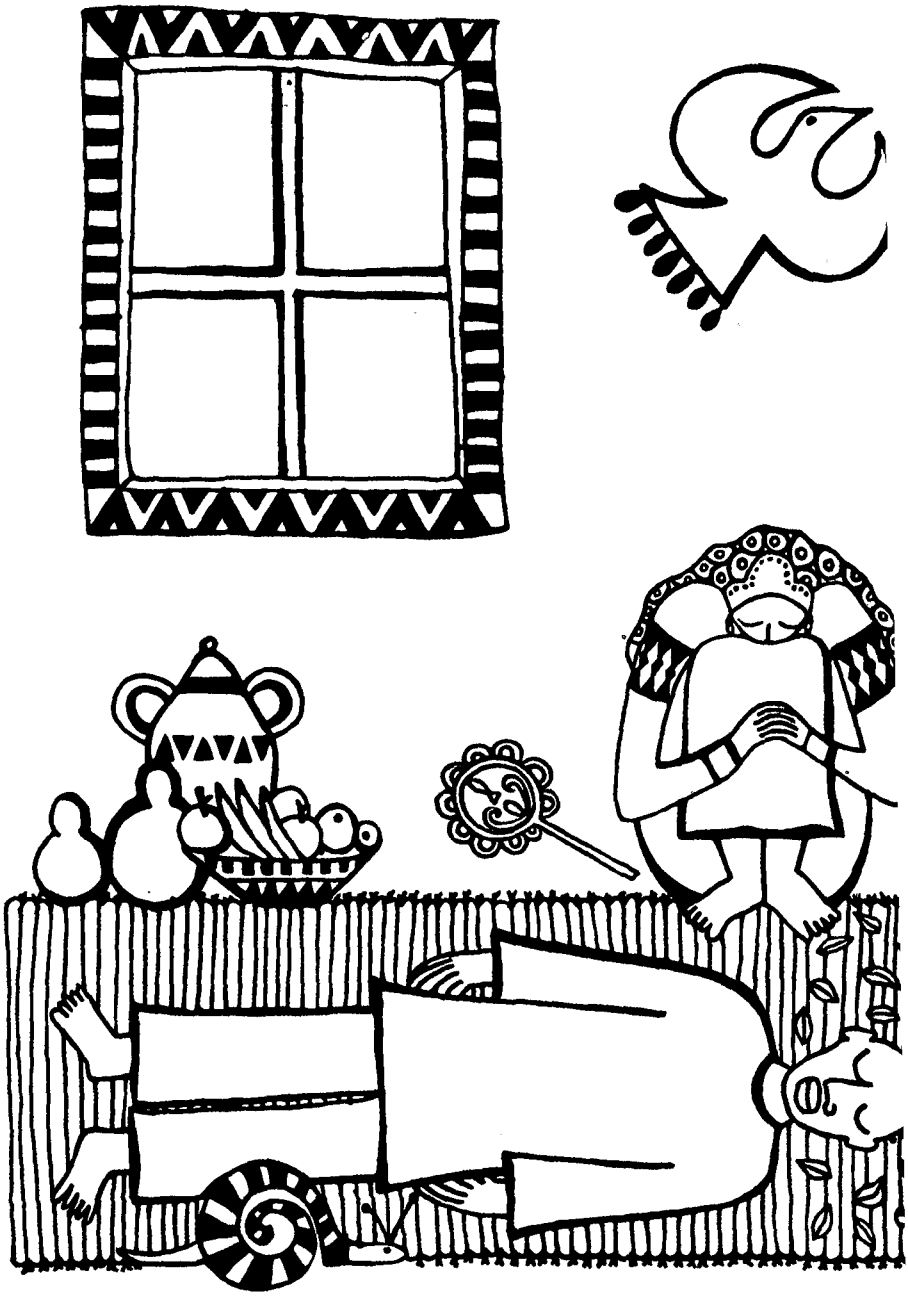
um encargo honroso, mas para ela isso era pouco, queria uma tarefa grandiosa, em que pudesse usar de poderes que os demais invejassem. Oxalá era o pai de todos os seres humanos, não era? Então, sendo casada com ele, ela era a mãe. Queria honra maior? Ela queria. Queria ser chamada de mãe, sim, mas que fosse por seu próprio mérito, e não por ser casada com o Criador.

Enquanto cozinhava para Oxalá, preparava seu banho, alvejava suas túnicas brancas, Iemanjá falava sem parar. Queria tanto fazer alguma coisa de grande, ter uma missão que a tornasse indispensável, estar verdadeiramente à altura de Oxalá, o Grande Orixá.

Tanto falou no ouvido de Oxalá, tanto reclamou, que ele enlouqueceu.

E agora? Iemanjá se assustou. O que diriam os outros? Em vez de cuidar de Oxalá, ela o fizera adoecer. Certamente seria castigada, nunca teria os poderes que almejava.

Iemanjá tratou de curar a cabeça de Oxalá. Com a ajuda de Exu e Ossaim, que sabia tudo



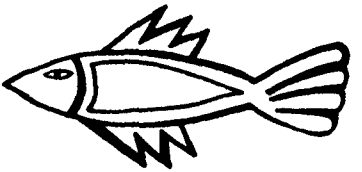
sobre o poder curativo das plantas, Iemanjá preparou banhos e ungüentos para a cabeça de Oxalá, fez oferendas, cuidou para que ele repousasse num ambiente todo branco, limpo e silencioso, rezou. Em pouco tempo Oxalá ficou bom da loucura, sarou.

Olorum gostou do resultado e ordenou que, a partir de então, Iemanjá cuidasse da cabeça de todos os homens e mulheres. Demonstrara ter talento para isso. Muitos tinham a cabeça malformada e precisavam de ajuda.

Agora sim. Os humanos sabiam que Iemanjá tinha força para ajudar os loucos, os deprimidos, os de mente fraca. E como de louco todo mundo tem um pouco, não houve quem deixasse de adorar Iemanjá. Presentes e festas nunca lhe faltaram. Os humanos dançavam para ela e a chamavam de Mãe das Cabeças, Mãe da Humanidade.

Adetutu agradeceu a Iemanjá por manter sua cabeça em bom estado. Apesar de todo o sofrimento a que estava submetida desde

que os caçadores de escravos a tinham raptado, apesar de toda a incerteza que povoava os seus dias, Adetutu se mantinha lúcida e esperançosa. Iemanjá ficou feliz por ter sido lembrada, e deu um peixinho de prata a Adetutu, que o guardou na sacolinha. Pensou como eram tantas as histórias de Iemanjá. E continuou a sonhar com a Criação.



4

O MAR SE MEXE E SE DEFENDE

O sonho de Adetutu foi interrompido por terríveis solavancos; o navio negreiro enfrentava a fúria do mar. Na luta contra as águas enraivecidas, o navio jogava sua carga humana de um lado para outro. Os negros que atulhavam os porões do navio, acorrentados uns aos outros, gritavam de medo e de dor quando, num tranco mais forte, carne e ossos eram feridos pelos grilhões atados a pulsos e tornozelos.

O mar, a força do mar, pensou Adetutu, nenhum homem podia dominar. Um dia ela contaria às crianças muitas histórias sobre o mar, histórias de Iemanjá.

Contaria que, na criação do mundo, o sopro de Olorum provocara uma grande

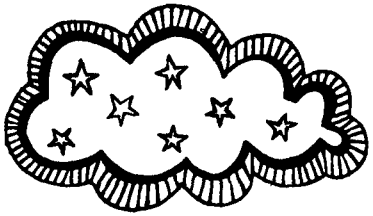
explosão, e a matéria-prima do saco da Criação, liberada por Odudua, lançara no espaço sem forma forças violentas que provocaram uma tormenta de águas e gases. Adetutu assistia agora ao desenrolar de pormenores que não vira antes. A gênese do mundo estava sendo recontada.

As águas se debatiam contra rochas que nasciam do nada e abriam no chão cavidades profundas. A água encheu as fendas imensas, formando os mares e oceanos, cujas profundezas foram habitadas por Olocum. Parida por Olocum no abismo escuro do oceano, Iemanjá emergiu envolta em prata e azul, coroada por Oxumarê, o arco-íris.

Cercada de algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas de madrepérola, Iemanjá se estabeleceu na superfície das águas junto ao continente. Era a nova senhora do mar, a filha dileta de Olocum.

Iemanjá casou-se com seu irmão Aganju, e dessa união nasceu Orungã. Um dia,

aproveitando-se da ausência do pai, Orungã raptou e violentou a mãe. Aflita e entregue a total desespero, Iemanjá desprendeu-se dos braços do filho incestuoso e fugiu. Orungã a perseguiu. Quando ele estava prestes a alcançá-la, ela caiu desfalecida. Então seus seios cresceram desmedidamente, a barriga inchou até ficar do tamanho do mundo e se rompeu. Do ventre aberto nasceram os orixás que ainda não haviam nascido.



A Criação prosseguia.

No fundo da Terra o fogo foi dominado e entregue ao poder de Aganju, o mestre dos vulcões, por onde o fogo aprisionado ainda respira.

Chamas ardiam na superfície não aquosa da Terra, tornando-a inabitável. Oxumarê transportou água para cima, criou as nuvens

e delas a chuva, que lançou sobre as terras em chamas. O fogo foi debelado, o solo, umedecido. Com as cinzas do incêndio primordial, Ocô, outro filho de Iemanjá, fertilizou os campos. Estava tudo preparado para o nascimento das ervas, frutos, árvores, bosques, florestas.

Nas terras baixas em que a água ficou estancada, nasceram os pântanos de Nanã, e nos pântanos, a peste, cujo controle foi dado a Omulu, filho de Nanã adotado por Iemanjá. Depois, penalizada com as marcas de varíola no corpo de Omulu, Iemanjá lhe deu também todas as pérolas do mar.

Nas águas dos rios, cascatas e lagoas foi morar a bela Oxum, orixá das águas doces, filha dourada de Iemanjá.

Quando tudo isso estava feito, Oxalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum, criou o ser humano. E o ser humano povoou a Terra, e os orixás foram cultuados pelos humanos. Depois vieram outros tempos, e os orixás mais uma vez foram convocados

para mudar aqui e ali, aperfeiçoando a obra da Criação.

No começo, por exemplo, o mar feito por Odudua era calmo como um imenso espelho imóvel a refletir sem cessar o firmamento. Mas Iemanjá se desgostou com o modo como seus filhos homens tratavam suas águas, e mudou o mar.

O mar era bonito, mas tudo o que era lixo os homens jogavam nele.

Até cuspiam em Iemanjá, quando não faziam coisa muito pior, pensou Adetutu, envergonhada.

O reino de Iemanjá ficou imundo e feio. Os peixes foram escasseando, as algas perderam o esplendor, as conchinhas que cobriam as areias da praia rarearam. Baleias, golfinhos, polvos, cavalos-marinhos, focas, caramujos, lulas, siris, lagostas, ostras, mariscos, mexilhões e as aves maravilhosas que vivem do mar, enfim, todas as criaturas do reino de Iemanjá tiveram sua casa profanada pelo descaso dos humanos.

Iemanjá vivia suja, sua casa estava sempre cheia de porcarias. Assim seus filhos peixes não conseguiriam sobreviver. Daquele jeito não dava para continuar.

Olorum ouviu os reclamos de Iemanjá e deu-lhe o dom de devolver à praia as coisas ruins que humanos jogassem em suas águas.

Desde então as ondas surgiram no mar para revolver as águas e varrer as praias, devolvendo à terra o que não é do mar. E surgiram as marés para mostrar que Iemanjá vive. A superfície do mar sobe e desce, num movimento que jamais se estanca; o peito de Iemanjá sobe e desce em seu perpétuo respirar.

Agora, com ondas, vagas, vagalhões, ressacas, Iemanjá defende seu reino. Protege as criaturas marinhas e muitas vezes castiga os humanos com dureza.

Ela afoga os humanos atrevidos e imprudentes e lança seus corpos inertes à praia. Dos homens mais bonitos e fortes

que não voltam das águas, dizem que foram levados por Iemanjá para o fundo de seu ser.

Os pescadores que vão ao mar em busca de sustento a temem. Sabem que dependem da boa vontade de Iemanjá. Eles pedem licença para entrar em seu reino, fazem festas nas praias, oferecem flores, perfumes e pentes e tudo o mais que é bonito e faz feliz o coração de uma mulher. As moças que namoram os pescadores e as jovens esposas, igualmente temerosas, pedem a Iemanjá que não leve o amado para o fundo do mar. Além disso lhe dão belos presentes, de mulher para mulher, e dançam para ela.

Homens e mulheres adoram Iemanjá e a chamam de mãe, e ela os aceita como filhos. Eles a chamam de Iemanjá, que na língua dos orixás quer dizer Mãe dos Peixes. Ela também é chamada de Odoiá, que quer dizer Mãe do Rio, e de Iá Mi, que é o mesmo que dizer Minha Mãe, Nossa Mãe, ou Nossa Senhora.

Na solidão líquida do Atlântico, as ondas aos poucos se acalmaram, e o navio negreiro retomou seu curso determinado em busca da costa do Brasil, levando Adetutu e os deuses africanos que a acompanhavam em seu sonho.

5

UM RIO CORTA A MONTANHA

Nos primeiros tempos o mundo era plano. Adetutu imaginou-se caminhando naquela planura que não tinha fim. Nunca se cansaria: nenhuma colina para subir, nenhuma ladeira para superar. Perdida em seus pensamentos, ela avistou ao longe uma mulher que corria em sua direção. Adetutu ficou apreensiva. Com o olhar ansioso, procurou um lugar para se esconder. Não deu tempo; a mulher já estava quase ali.

A mulher passou por ela tão espavorida que nem notou sua presença. Era bonita, corpo cheio, seios grandes. Na cabeça, a coroa de rainha. Seu rastro era de água. De que estaria correndo?

Logo Adetutu teve a resposta. Um homem

se aproximava em perseguição à mulher. Era um rei, a coroa bem o demonstrava, certamente o esposo da fugitiva.

Adetutu se lembrou: um velho adivinho, ou babalaô, como se chamava o sacerdote do oráculo de Ifá, lhe contara essa história, a da fuga de Iemanjá perseguida por seu marido Oquê.

Iemanjá, a filha de Olocum, se casara com o rei Oquê sob certas condições. Iemanjá, mulher bonita, cheia de predicados, tinha seios muito grandes e proibiu o futuro marido e todos os que vivessem em sua casa de tocar nesse assunto. Era sua condição para se casar. Que não se falasse de seus seios, que haviam alimentado muitos filhos, orixás e humanos, que nutriram a vida em seu nascedouro, ela que era mãe dos deuses e mãe da humanidade.

Ele concordou plenamente, mas também impôs seus termos: Iemanjá não poderia fazer nenhuma referência aos seus testículos exuberantes. Também não falaria de sua

mania de beber demais, nem entraria nos aposentos em que ele guardava suas tralhas de caça.

O pacto foi feito. Esses eram seus tabus, suas proibições. Casaram-se. Iemanjá deixou o reino aquoso de sua mãe e foi viver no continente, no palácio de Oquê.

Um dia, Oquê voltou para casa embriagado, tropeçou em Iemanjá e vomitou no chão da sala. Iemanjá o reprimiu, chamando-o de bêbado imprestável.

Oquê perdeu o domínio das palavras e ofendeu Iemanjá com comentários grosseiros sobre os imensos seios dela. Iemanjá lembrou-o dos defeitos dele, de como sua genitália era exagerada. Entrou no quarto privativo dele e criticou a confusão que lá reinava.

Não havia reconciliação possível. Todos os tabus estavam quebrados. Oquê quis bater em Iemanjá, e ela fugiu.

Iemanjá correu em direção ao mar, para a casa de sua mãe. Oquê foi em seu encalço.

Na fuga Iemanjá caiu. Oquê se aproximava cada vez mais.

Adetutu presenciou a queda. Aconteceu tão perto que ela se perguntou se não deveria ajudar Iemanjá a se levantar. Não teve tempo.

Os seios de Iemanjá se avolumaram ainda mais, e deles brotaram dois riachos, que se juntaram e formaram um rio caudaloso. E o rio tomou o rumo do mar. Era Iemanjá, o rio, que corria para a casa da mãe.

Mas Oquê ultrapassou Iemanjá e imediatamente se interpôs no caminho do rio. Bem onde ele se postou, a terra começou a tremer e a se levantar. Uma montanha se formou, impedindo o rio de seguir seu curso. Era Oquê, a montanha, que tentava desesperadamente impedir a fuga de Iemanjá para o mar.

Iemanjá não se deu por vencida: gritou pedindo ajuda a seu filho Xangô.

Xangô veio em meio a uma tempestade socorrer a mãe. Anunciado pelo trovão, chegou envolto em fogo. Trazia em cada mão

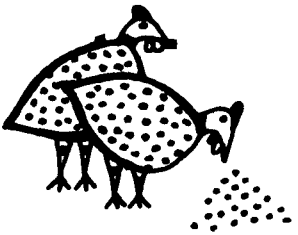
um machado duplo, de duas lâminas, e com os machados lançava raios sobre Oquê.

À chegada de Xangô, Adetutu se atirou ao chão, se prosternando. Ele era seu orixá, seu deus, o princípio de sua vida e a razão de sua existência. Fora criada para ser sua sacerdotisa, e privilégio maior que aquele, estar ali junto a Xangô, não poderia existir. Diante de seus olhos maravilhados, Xangô, o orixá do trovão, vinha para praticar sua justiça.

Então, sob os raios e trovões de Xangô, a montanha se partiu em duas. Um desfiladeiro se formou entre as metades separadas, e Iemanjá, o rio, passou por ele sem dificuldade. Foi adiante e alcançou o mar. Com a ajuda de Xangô, Iemanjá chegou à casa de Olocum, sua mãe.

Mais tarde, muito mais tarde, Adetutu ouviria contar que Iemanjá, a senhora do grande rio, herdara da mãe o mar e tudo o que nele existe, e que agora era assim conhecida: Rainha do Mar, Senhora do Oceano.

A Terra nunca mais foi plana. Oquê proliferou por toda parte; as montanhas ajudaram a compor a geografia do mundo como ele é hoje: cordilheiras, serras, desfiladeiros profundos e vales acolhedores. Desde então muitos rios correm pelas planícies, procuram passagens estreitas entre montanhas, lançam-se finalmente ao mar, com o sentimento de alívio de quem, cansado do percurso, chega finalmente em casa.



6

CHEGA DE COMIDA CRUA

Em épocas remotas, havia um feiticeiro a quem Exu ensinara muitos segredos. O feiticeiro poderia usá-los como bem entendesse. Com eles, poderia praticar o bem e o mal, mas seria o único responsável por seus atos. Exu não se comprometia.

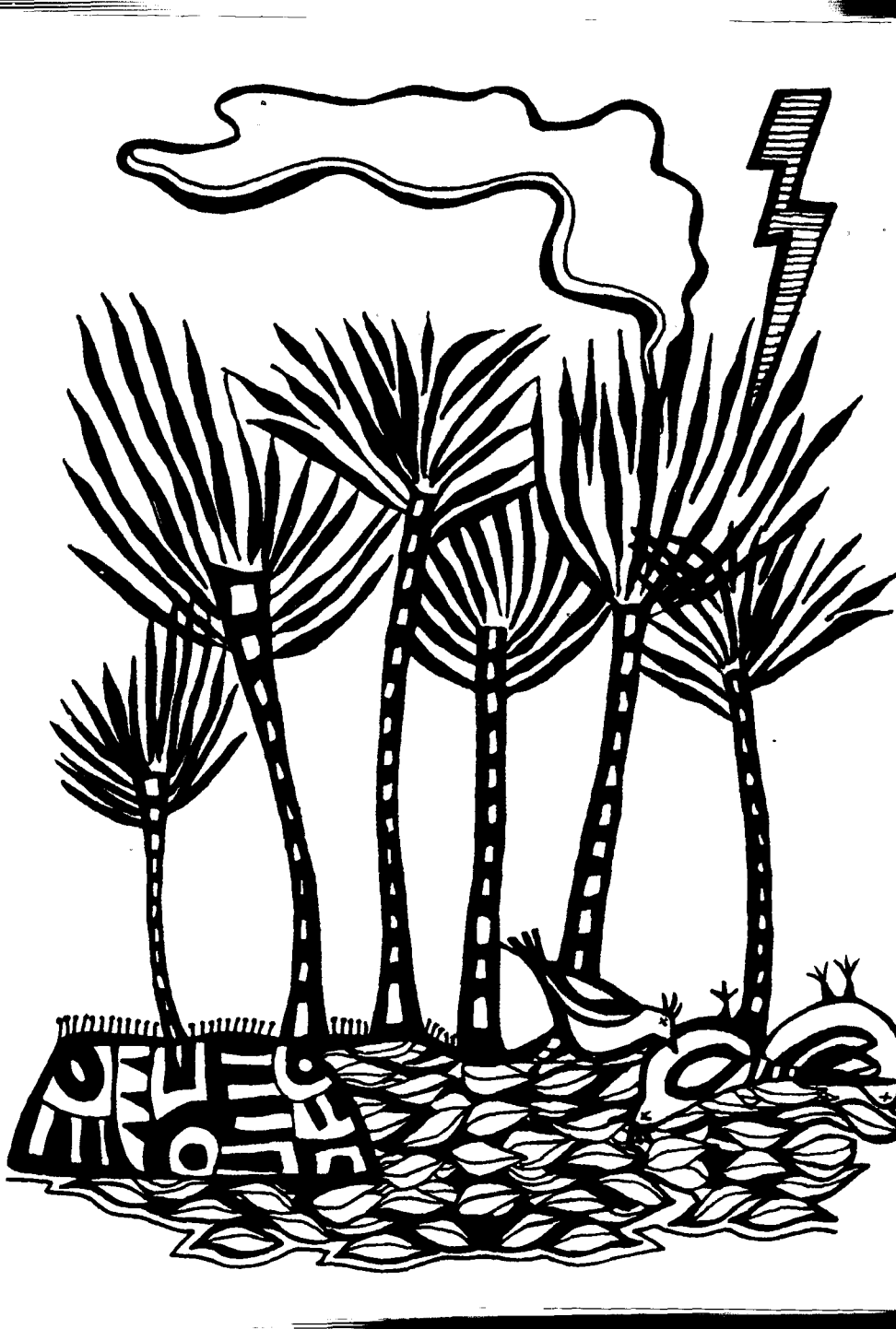
Os segredos pertenciam, obviamente, aos orixás, que exigiram do feiticeiro, como compensação, uma grande festa. Mas deveria ser uma festa com alguma novidade, com comidas diferentes daquelas a que orixás e homens estavam habituados. Eles estavam cansados de só comer frutas, favas e sementes cruas, peixes tirados diretamente das águas, carnes ainda sangrando. Naquele tempo a cozinha não era

conhecida, nada se cozinhava, comia-se tudo cru. Nem fogo o homem sabia fazer. E agora os deuses estavam enfarados dessa comida e queriam coisa diferente. Mas o quê? Nem eles sabiam.

Reconhecendo a própria incapacidade de satisfazer a vontade dos orixás, o feiticeiro foi até uma encruzilhada e pediu ajuda a Exu, não sem antes depositar ali, em oferenda, sete faisões, água fresca e aguardente.

Para si próprio havia caçado outros três faisões, mas não querendo comê-los naquele momento, escondeu-os, depenados e estripados, entre umas pedras e os cobriu com gravetos e folhas secas para evitar que atraíssem algum animal faminto. E ficou à espera de Exu.

Adetutu, que fora transportada ao lugar onde isso acontecia, sentiu o estômago revirar de nojo só de pensar em comer aquelas aves cruas. Temendo ser convidada para o almoço do feiticeiro, tratou de se esconder atrás de um arbusto.



O feiticeiro esperou um tempão, e Exu não dava sinal de vida. Será que rejeitara a oferenda, pensou? Queria comida nova?

Instantes depois, o feiticeiro ouviu ruídos que vinham da copa das árvores. Elas estavam rindo dele. Ele não gostou nada da brincadeira; invocou Xangô, oferecendo-lhe uma porção de noz-de-cola amarga, que sabia ser de sua predileção. Xangô atendeu ao chamado na hora. Lançou sobre as árvores uma chuva de pedras-de-raio, provocando um fogaréu que queimou a copa das árvores. As chamas acabaram atingindo também as folhas secas e os gravetos que cobriam a comida do feiticeiro.

Passado o incêndio, com fome, o feiticeiro foi olhar o que restara dos faisões queimados e, muito admirado, se encantou com o cheiro do que sobrara das aves. Provou e gostou. Era comida excelente, de sabor inigualável.

Agora ele sabia o que preparar para o

banquete dos orixás! Carnes, peixes e vegetais transformados pelo poder do fogo. Foi correndo para casa e contou tudo a sua esposa, que, imediatamente, se dispôs a ajudá-lo.

O feiticeiro explicou a sua mulher como Xangô fizera fogo lançando pedras-de-raio, e se propôs a imitá-lo. Imaginou que o fogo morava dentro das pedras e concluiu que teria de quebrá-las para libertar as chamas. Batendo uma pedra contra outra, produziu faíscas que acenderam o fogo num amontoado de folhas secas, gravetos e lenha arrumados entre umas pedras.

Assim que o fogo acendeu, a esposa do feiticeiro começou a cozinhar. Um cheiro delicioso se espalhou primeiro pela casa, depois por toda a aldeia, atraindo passantes famintos e curiosos.

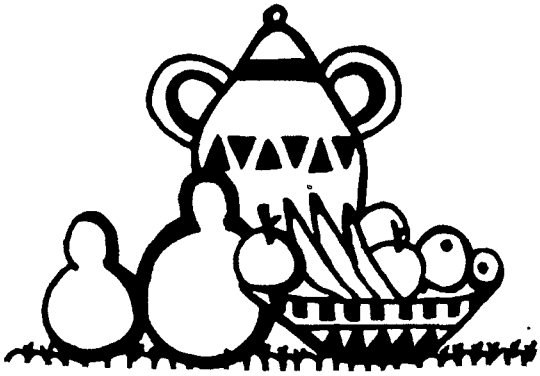
"Aqui começa a interminável labuta da mulher à beira de um fogão", murmurou Adetutu, que tudo acompanhava.

Exu e Xangô, que observavam, gulosos,

a comida sendo preparada no fogo, lhe fizeram um sinal, concordando. Adetutu fez uma reverência a Exu e beijou a mão de Xangô, que lhe deu de lembrança uma pedra-de-raio. Ela guardou a pedra na sacolinha de segredos pendurada em seu pescoço.

Quase não acreditou quando foi convidada para provar o banquete dos deuses. Na mesa posta para os orixás, podia escolher entre feijoada, caruru, vatapá, efó, tudo servido em travessas fundas de barro. Também havia tabuleiros repletos de acarajés, acaçás, bolas de inhame e abarás; gamelas de amalá; tigelas de canjica com mel e de milho cozido com fatias de coco, feijão-fradinho com camarão seco e rodelas de ovos cozidos. Alguidares continham guisados de carnes de caça e de animais de corte, preparados com rodelas de cebola, azeite de dendê e pimenta-da-costa; xinxins de galinha; patos e pombos assados com pedaços de inhame; moquecas de peixe

com leite de coco e muito coentro. Cestos ofereciam nozes-de-cola, os obis, e nozes-de-cola amargas, chamadas orobôs, além de outras sementes, favas e frutos. Para beber, cabaças de vinho-de-palma, aluá e água fresca.

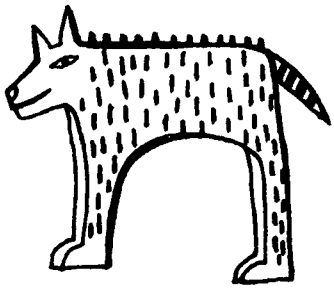


Muito diferente da comida do navio negreiro, onde os negros, sempre famintos, comiam rações insuficientes de farinha de mandioca com um pouco de feijão mofado e nacos irrisórios de peixe salgado, carne seca ou toucinho, e bebiam água, quente, que lhes ofereciam em duas porções diárias

tão pequenas que mal davam para umedecer a boca.

Adetutu imaginou que os dias e noites passados no navio negreiro eram apenas um sonho ruim, e tratou de encher a pança com a comida preparada para os orixás. Provou de tudo um pouco e se sentiu revigorada.

Os orixás comeram dessa comida e gostaram muito. Satisfeitos, permitiram que todos os humanos também comessem dela. Mais do que nunca, a comida consolidou os vínculos entre os humanos e as divindades. E assim deveria ser para sempre.



7

AS SEMENTES E A ENXADA

O navio negreiro avançava através do oceano, mas Adetutu teve a sensação de que retornava a sua aldeia, na África. Era criança ainda e ajudava a avó a descascar inhames.

"Aprenda desde menina a agradecer a Ogum por nos ter dado a faca", ensinou-lhe a avó.

Adetutu tocou o solo com a ponta dos dedos, que em seguida levou à fronte, num gesto de reverência, como fazem os do seu povo.

"É uma história muito antiga que aprendi com minha avó, que aprendeu com a avó dela", disse a avó de Adetutu. E lhe contou as aventuras de Ogum e Ocô na criação da agricultura e da metalurgia.

No começo, a humanidade vivia da caça, da

pesca e da colheita de frutas, mel de abelha, sementes, tubérculos e tudo o mais que se encontrava nas matas e nos campos.

Mas o ser humano cresceu tanto em número que os alimentos escassearam.

Olorum encarregou Ocô de aumentar a produção de alimentos. Que os homens pudessem dispor de uma quantidade muito maior de inhame, pimenta, feijão e outras coisas boas de comer. Era seu desejo.

Ocô gostou da missão, ficou todo orgulhoso, mas não tinha a menor idéia de como executá-la. Mesmo assim, se pôs a caminho da Terra, onde deveria cumprir a vontade de Olorum.

Tendo lá chegado, parou para descansar e, distraidamente, se pôs a observar o vôo dos pássaros. Foi quando percebeu que as aves, voando de uma árvore a outra em busca de comida, deixavam cair no chão muitas sementes. Certamente as sementes dariam origem a outras plantas, concluiu, e se espantou com o alcance dessa idéia.

Ele então espalharia sementes por toda parte, e a comida que dali ia nascer haveria de alimentar todos os homens e mulheres, velhos e crianças.

Juntou um montão de sementes e as espalhou no solo. Sentou-se para apreciar o crescimento das plantas, mas, desgostoso, viu que a maioria das sementes estava sendo comida pelos pássaros e outros animais.

Ocô retomou seu caminho. Adiante encontrou um rapaz que brincava na terra, cavando buracos. Ocô parou para observar o garoto, que punha sementes na cova e as cobria com terra.

"Para que isso, meu jovem?", perguntou.

"Só para ver elas brotarem", respondeu o outro.

Era o que ele tinha de fazer: cavar para plantar as sementes no seio da terra.

Para que tudo desse certo, ofereceu uma lebre e umas favas de pimenta a Exu, que aceitou a oferenda e prometeu ajudar. Depois de comer, Exu disse:

"Aquele rapaz que cava a terra sabe das coisas. O nome dele é Ogum, e um dia será famoso pelo que há de criar."

Ocô chamou Ogum, e juntos começaram a cavar a terra. Para não ferir os dedos, usavam um graveto, que logo se quebrou. Passaram a usar lascas de pedra que encontraram por ali.

O trabalho, entretanto, não rendia, e Ocô saiu à procura de algo melhor para fazer o trabalho. Mais tarde, quando Ocô voltou sem solução, esfriara, e Ogum havia feito fogo, protegendo-o do vento com lascas de pedra. Quando da lenha sobravam só as brasas, Ogum punha novos pedaços de pau na fogueira e soprava forte para reavivar as chamas. Formavam-se enormes labaredas. Viram então que a pedra se derretia no fogo e escorria em filetes que se solidificavam ao esfriar.

"Que ótimo instrumento para cavar!", proclamou Ogum, segurando com mão firme a lâmina endurecida.

Ele pôde então usar o fogo e fazer lâminas daquela pedra e modelar instrumentos cortantes e ferramentas pontiagudas.

Desse material, que os homens chamaram de ferro, Ogum fez a enxada, a foice, a faca, a espada e outros objetos metálicos que desde então o homem usa para transformar a natureza e sobreviver.

Com os instrumentos criados por Ogum, Ocô revolveu a terra e plantou, e a colheita trouxe a abundância desejada.

A humanidade aprendeu a plantar com eles. Cada família fez sua plantação, e na Terra não mais se padeceu de fome. Em reconhecimento por terem superado a escassez de alimentos e derrotado a fome, Ogum e Ocô foram homenageados como os pais da agricultura.

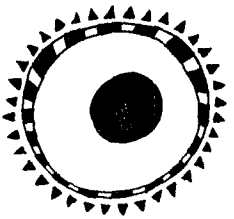
Desde então Ocô ficou encarregado de zelar pelas plantações, e Ogum tratou de cuidar de sua forja. Em sua oficina, fundia metais, construía instrumentos e ensinava ao homem uma nova profissão, a de ferreiro.

Somente no final da narrativa da avó Adetutu percebeu que se encontrava na própria oficina de Ogum.

Sem parar de bater vigorosamente com o martelo numa lâmina em brasa, que segurava com uma tenaz sobre a bigorna, Ogum fez um gesto para Adetutu se aproximar. Por um segundo deixou o martelo na bancada, enfiou a mão no fogo e tirou um punhado de pequenos objetos, que estendeu para Adetutu.

Os objetos estavam incandescentes, mas não queimaram a mão da menina, que nada temeu. Eram miniaturas das ferramentas que Ogum criara para trabalhar a terra.

Ela agradeceu, guardou os brinquedos na sacolinha e, não querendo atrapalhar, despediu-se e partiu.



8

MUITO INHAME PARA PREPARAR

Adetutu sonhava com a festa dos inhames novos, que celebrava a colheita e agradecia aos deuses a fartura que eles lhes proporcionavam. Inhame, o alimento básico de seu povo, se comìa pilado, e isso se devia a Oxaguiã, que inventou o pilão e melhorou radicalmente as condições de vida dos humanos.

De repente Adetutu não estava mais na festa dos inhames novos, e sim na saída de uma cidade chamada Ejibô, que dava para um bosque de árvores de grande porte.

Viu que do mato saía um jovem alto e forte que carregava no ombro um pedaço de tronco de árvore. Ele se aproximou da

cidade e passou compenetrado por Adetutu. Ela o seguiu.

Era o rei do lugar, e ela o reconheceu ao presenciar o povo se prostrando nas ruas quando ele passava. Guerreiro valente, soberano justo e grande comilão, o rei era chamado por seus amigos de Oxaguiã, que na língua do lugar significava algo como Papa-Purê-de-Inhame. Porque ele adorava inhame amassado e comia enormes quantidades dessa massa.

Sempre pronto para partir para a guerra, o rei se impacientava com a demora das mulheres em produzir sua comida preferida. Elas assavam os inhames na brasa, retiravam a casca e, com as mãos, trituravam o tubérculo quente até que virasse uma pasta. Dava muito trabalho, queimava as mãos, demorava muito. E o rei ia perdendo a paciência.

Adetutu já sabia o que Oxaguiã faria com o toco que trouxera do mato, mas mesmo assim acompanhou o rei com o máximo de atenção.

Oxaguiã pôs o cilindro de madeira de pé e depositou um punhado de brasas no círculo central da superfície voltada para cima. Esperou que elas queimassem o toco até se transformarem em cinzas e realimentou o braseiro com brasas vivas. Fez isso seguidas vezes, durante muitos dias, até as brasas comerem quase todo o miolo do tronco, produzindo um buraco profundo e largo. Com uma lasca de pedra limpou e alisou a superfície queimada. Depois, com um galho rijo, Oxaguiã preparou uma haste.

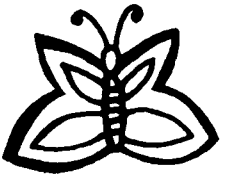
O rei ordenou a suas esposas que pusessem inhames no fogo, e quando ficaram cozidos instruiu as mulheres a pôr os tubérculos no buraco do toco e socá-los com a haste.

Adetutu se misturou às mulheres da corte e conseguiu sua vez de pilar inhames. Não ia perder essa oportunidade de jeito nenhum. Em poucos minutos, Oxaguiã pôde comer seu precioso alimento. As mulheres não se cansaram, não queimaram as mãos,

e a transformação do inhame em purê não demorou nada.

Oxaguiã mandou juntar um pouco de mel de abelhas à pasta e comeu até se fartar, não sem antes ter servido uma porção a Exu. Depois de ordenar que se desse um pouco daquela comida para cada um dos presentes, partiu para a guerra satisfeito e convencido de que nunca mais chegaria atrasado ao campo de batalha.

Adetutu também recebeu sua porção de inhame pilado, que comeu com vontade e prazer, lambendo as mãos no final. Esqueceu completamente de deixar um pouquinho para guardar na sacolinha. Como não queria ir dali sem uma lembrança de Oxaguiã, recolheu um pouco do pó que, no chão, desenhava as pegadas do rei. E o guardou na sua sacola de segredos.



9

DO SOPRO, TEMPESTADE

Adetutu caminhava pela estrada na companhia da mãe e de outras mulheres e crianças.

A mãe de Adetutu era uma vendedora de mercado, e a cada dia da semana ela ia a uma das diferentes aldeias e cidades em que fazia suas vendas. Como outras mulheres de seu povo, a mãe de Adetutu caminhava diariamente muitos quilômetros carregando a mercadoria na cabeça até a feira do dia. Ela vendia noz-de-cola, que a família produzia em suas roças. Desde pequena Adetutu acompanhava a mãe ao mercado. Tinha de aprender a ser boa comerciante. Seria seu trabalho, quando crescesse. Levavam ao mercado cestos de noz-de-cola, que na

sua língua se chama obi, alimento indispensável à dieta de deuses e humanos.* Na volta, traziam outras mercadorias de que a família precisava. Logo que chegavam ao mercado, um lugar aberto, onde cada vendedor expunha sua mercadoria, a mãe de Adetutu depositava um obi no altar de Exu, separava alguns para ela própria e a filhinha comerem ao longo do dia e depois montava sua banca de nozes.

De feira em feira, as mulheres andavam em grupo pelas estradas para se proteger de assaltantes. Às vezes atravessavam florestas e cruzavam rios de águas revoltas. Iam pelos caminhos sempre muito animadas, conversando, contando histórias. Muitas crianças acompanhavam as mães, que levavam as menorzinhas amarradas às costas.

Nas encruzilhadas, as mulheres deixavam pequenos presentes a Exu. Às margens dos

* De consumo diário para muitos povos africanos, o obi ou noz-de-cola (*Cola acuminata*) é o principal ingrediente, hoje mais usado na forma sintética, da Coca-Cola e refrigerantes similares.

rios, faziam oferendas a Oxum. Mais adiante, junto a uma fonte, não se esqueciam de dar algum agrado a Euá. Bebiam da nascente para matar a sede e descansavam um pouco sob as velhas árvores, mascando noz-de-cola para recuperar as energias.

Naquele dia, na estrada, Adetutu guardou na sacola de segredos sua porção de obis, pensando que poderia ser de alguma utilidade no momento oportuno. Depois do descanso, a caravana seguiu alegre e disposta na direção do mercado.

Mais adiante, em outra encruzilhada, a mãe de Adetutu apontou para um dos caminhos e disse à menina:

"Por ali, depois de um longo percurso, se chega a Irê, a cidade de Ogum. Mais adiante, outro caminho leva a Ejibô, cidade de Oxaguiã. Nelas, muito antes do tempo em que viveram nossos antepassados, dois amigos guerreiros disputaram o amor de uma mulher. E tudo acabou numa grande tempestade."

Outras crianças acompanhavam, atentas, as palavras da mãe de Adetutu, que, sem interromper a caminhada, se pôs a contar a história.

Na cidade de Ejibô, o rei Ajagunã tinha duas manias: fazer a guerra e comer purê de inhame, tanto que seu apelido era Oxaguiã, que é o mesmo que Papa-Purê-de-Inhame.

Sem interromper a mãe, Adetutu disse a si mesma que dessa parte da história ela era testemunha ocular.

A mãe prosseguiu.

Na guerra um vencedor, Oxaguiã era um grande amigo de Ogum, que se estabelecera com sua oficina de metalurgia na cidade de Irê. Lá Ogum era ferreiro e também era rei. Dois reis, dois guerreiros, dois amigos e colaboradores.

Da oficina de Ogum saíam as armas com que Oxaguiã derrotava os inimigos em guerras sem fim. Naquele tempo, a fabricação das armas era lenta, pois o ferro demorava a derreter no fogo. E Oxaguiã tinha pressa

de acabar com a guerra. Era apressado no campo de batalha e apressado à mesa, onde devorava porções imensas de inhame socado no pilão que ele mesmo inventara. Mas as coisas mudaram em Irê quando Ogum se casou com Iansã, rainha da cidade de Irá.

De repente Adetutu percebeu que se distanciara da mãe e seguia no caminho de Irê. Apressou o passo e em pouco tempo estava na cidade. Tratou logo de ir até o palácio de Ogum. Sabia o que estava para acontecer e não queria perder nada. Já se considerava uma velha amiga dos dois orixás. Perguntou onde ficava a casa do rei ferreiro e facilmente chegou lá.

Ao entrar na ferraria de Ogum, Adetutu comprovou que o trabalho agora assumira um ritmo acelerado. Iansã, a esposa de Ogum, soprava o fogo, produzindo labaredas extraordinárias na fornalha onde o ferro era derretido para ser modelado na bigorna. Ogum martelava o ferro fundido, e de suas mãos surgiam espadas do tamanho

de Adetutu. Com a ajuda de Iansã na forja, ele as fabricava rapidamente.

Iansã soprava a forja de Ogum, Ogum fazia armas para Oxaguiã, e Oxaguiã ganhava a guerra.

Iansã era mulher bela e valente. Muitas vezes acompanhava Ogum na guerra. Não havia companheira melhor para um guerreiro. Um dia Oxaguiã roubou Iansã de Ogum e fez dela sua mulher.

Logo depois, Oxaguiã teve de partir para uma nova guerra, e, como sempre, mandou encomendar armas a Ogum.

Ogum enviou de volta o mensageiro com a resposta:

"Sem Iansã, não tem forja incandescente. Sem forja ardente, nada de armas para a guerra. Se quer armas para guerrear, devolva minha mulher."

Oxaguiã não quis devolver Iansã, mas pediu a ela que soprasse a forja de Ogum dali mesmo. De Ejibô para Irê.

Iansã então mandava seu sopro ao reino

de Ogum, e o sopro de Iansã cruzava os ares, percorria territórios incontáveis até chegar à forja, na outra cidade. No caminho, o sopro arrancava folhas, refrescava o ar, desarrumava o cabelo de quem encontrasse, levantava poeira.

O povo logo se acostumou com esse novo fenômeno e o chamou de vento. Quando era mais forte, chamava-o de ventania.

Adetutu, na estrada que levava a Ejibô, foi surpreendida por uma dessas ventanias, que quase arrancou de seu pescoço a sacolinha de segredos. O risco da viagem valeu a pena: ao chegar à casa de Oxaguiã, ela foi recebida com festa por Iansã, que lhe deu acarajés para comer, permitiu que ela soprasse um pouquinho na direção da forja de Ogum e ainda lhe deu de presente, para guardar na sacolinha, uma pulseira de latão.

Depois dessa pequena pausa, Iansã retomou a tarefa de soprar. Adetutu percebeu que a visita estava terminada e tratou de voltar para casa.

Bem, quando a urgência da produção aumentava, Iansã soprava mais forte ainda, muito mais forte, e seu sopro corria os ares com fúria e provocava muitos acidentes até chegar à forja.

O sopro forte de Iansã muitas vezes derrubava árvores, arrancava o teto de palha das casas, levantava redemoinhos, provocava chuva e até destruía plantações. Com a chuva chegavam os raios, anunciados pelas trovoadas.

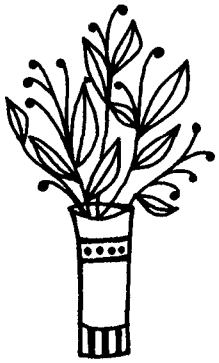
O povo teve muito medo desse novo fenômeno e deu-lhe o nome de tempestade. Até hoje, quando o céu escurece durante o dia, e os trovões anunciam o fogo dos raios, homens e mulheres pedem proteção a Iansã.

Ventava muito, e Adetutu quis voltar à estrada e encontrar a mãe a caminho do mercado, decerto preocupada com a ausência da menina. Ela tentou, mas a ventania aumentava e lhe enchia os olhos de poeira, cegando-a. O temporal ficou mais forte, começou a chover, e o vento arrastou Adetutu

feito uma folha solta no ar. Sentia-se jogada de um lugar a outro, e não via nada. Quando por fim conseguiu abrir os olhos, percebeu que estava de volta ao navio negreiro. Iansã também estava por perto, e Adetutu teve medo de sua força. Ouvia, ao longe, o som abafado dos trovões e adivinhava, no escuro, os raios fustigando a embarcação.

Iansã soprava a tempestade, e a tempestade assolava o navio negreiro, jogando-o de um lado para outro, como um brinquedo insignificante esquecido pelo destino no meio do oceano. O movimento do navio escoiceava a carga humana, e os negros gritavam de medo e de dor.

Adetutu tirou uma noz-de-cola da sacolinha de segredos e a ofereceu a Iansã, pedindo-lhe que os livrasse da destruição dos temporais. A tormenta cessou.



10

PODERES PARA TODOS

Adetutu estava para se casar. Haveria uma festa a que todos certamente compareceriam com suas roupas mais luxuosas. Seus pais se preparavam para entregá-la com todo o requinte do cerimonial ao noivo, que morava do outro lado da cidade. Era um agricultor de muitas posses, muitas esposas e muitos filhos, um homem importante. Adetutu não o conhecia pessoalmente, mas estava honrada com o casamento, seria feliz. Já era quase mulher-feita e, como a mãe, tinha sua banca de obis nos mercados da vizinhança. Queria ter muitos filhos e viver em paz com o futuro marido e sua grande família. Xangô, seu orixá, para quem ela fora iniciada sacerdotisa, a protegeria

da inveja, das intrigas e da competição que a chegada de uma esposa mais jovem e bela, como era Adetutu, certamente despertaria entre as esposas mais velhas.

Na casa do futuro esposo de Adetutu se cultuava Iemanjá. Adetutu levaria para lá o culto de Xangô, assim como as outras esposas haviam levado o culto do orixá da família em que haviam nascido. Os filhos das diversas esposas herdavam Iemanjá do pai e um segundo orixá que recebiam da mãe. Os diferentes orixás eram propiciados para que a família pudesse viver bem.

Imaginando sua vida na casa do futuro esposo, Adetutu pediu a Xangô que a ensinasse a ser justa, para que o convívio em seu novo lar fosse bom para todos. Pediu a Oxum que lhe desse filhos, e a Iemanjá que fizesse dela uma boa mãe. Pediu a Nanã que lhe transmitisse a sabedoria dos mais velhos, e a Omulu que afastasse a peste da casa que ela partilharia com tantos outros. A Iansã pediu a força de que a mulher precisa

para suportar o poder do homem. Pediu paciência a Oxalá e fartura a Oxóssi. Que Ogum mantivesse abertos seus caminhos e os de seus filhos que haveriam de nascer. Ah!, Exu, não podia se esquecer de seus poderes. Pediu-lhe bons negócios no mercado, que seu esposo pudesse lhe dar filhos, que seus pedidos fossem levados aos orixás e que as graças que eles lhe concedessem fossem trazidas até ela.

Adetutu percorreu a longa lista dos deuses de sua gente, lembrando seus poderes, invocando sua misericórdia. Lembrou-se dos tempos de menina, quando a avó lhe falava dos poderes dos orixás. De como as forças que governam o mundo tinham sido distribuídas por Olorum a seus filhos orixás.

A partilha dos poderes divinos acontecera numa grande festa.

Um dia Olorum, o Ser Supremo, mandou seus arautos avisarem: haveria uma assembléia em seu palácio, e os orixás deviam comparecer ricamente vestidos. Ele distribuiria

entre os filhos as riquezas do mundo, e depois haveria muita comida, música e dança.

Em toda parte os mensageiros gritaram essa ordem, e os convidados se prepararam com esmero para o espetacular acontecimento.

Quando chegou o grande dia, cada orixá dirigiu-se ao palácio na maior ostentação, cada um mais belamente vestido que o outro, pois era esse o desejo de Olorum.

Iemanjá chegou vestida com a espuma do mar, os braços ornados de pulseiras de algas marinhas, a cabeça cingida por um diadema de corais, peixes prateados e pérolas. Tinha o pescoço emoldurado por uma cascata de madrepérola.

Oxóssi escolheu uma túnica de ramos verdes e macios, enfeitada de peles e plumas raras. Para arrematar, um colar de dentes de javali.

Ogum preferiu uma couraça de aço brilhante que ele mesmo fundira, enfeitada com tenras folhas de palmeira desfiadas. Usava na cabeça uma pequena coroa.

Oxum escolheu cobrir-se de pó de ouro, decorando os cabelos com as águas verdes dos rios. Onde ela passava se escutava o jorrar de cascatas e cachoeiras.

As roupas de Oxumarê exibiam todas as cores. Nas mãos ele trazia pingos frescos de chuva. Uma cobra se enrolava em seu torso, provocando calafrios nos demais.

Iansã escolheu para vestir-se o vento sibilante e adornou os cabelos com raios que colheu da tempestade. Dezenas de pulseiras de latão embelezavam seus braços. Tinha um espanta-moscas na mão.

Ossaim vestiu-se com um manto de folhas perfumadas, caules e raízes. Pequenas cabaças presas à cintura por um cordão de palha-da-costa traziam essências vegetais e poções miraculosas.

Omulu compareceu coberto de palha-da-costa da cabeça aos pés, mas sob a tosca vestimenta usava um manto de pérolas.

Xangô não fez por menos e cobriu-se com o toar do trovão e o vermelho do fogo. Trazia

no pescoço um colar de garras de leopardo arrematado por um par de chifres de carneiro. Era pura majestade.

Oxalá tinha o corpo envolto em fibras alvíssimas de algodão. A testa ostentava uma pena vermelha de papagaio-da-costa. Discreto, perfeito.

E assim por diante.

Não houve quem não usasse toda a criatividade para apresentar-se ao Pai com a roupa mais bonita. Nunca se vira antes tanta exibição, tanta beleza, tanto luxo.

Cada orixá que chegava ao palácio de Olorum provocava um clamor de admiração, que se ouvia por todas as terras existentes. Os orixás encantaram o mundo com suas vestes.

Quando todos os orixás haviam chegado, Olorum mandou que fossem acomodados confortavelmente, sentados em esteiras dispostas ao redor do trono.

Ele disse então à divina assembléia que todos eram bem-vindos. Que todos os filhos

haviam cumprido seu desejo e que estavam tão bonitos, tão odaras, que ele não saberia dizer qual era o mais belo e vistoso. Que tinha todas as riquezas do mundo para lhes oferecer, e que eles haviam feito suas próprias escolhas.

Ele disse:

"O que cada um veste é propriedade sua", e tratou de explicar.

Ao optar pelo que achavam ser o melhor da natureza, para com aquela riqueza se apresentar perante o Paí, os orixás já haviam feito a partilha do mundo.

Iemanjá ficou com o mar; Oxum com o ouro e os rios.

A Oxóssi Olorum confirmou a posse das matas e dos bichos que nelas vivem, mas doou o poder curativo das folhas a Ossaim.

Deu a Iansã o raio e a Xangô o trovão. Juntos comandariam a tempestade.

Fez Oxalá dono de tudo que é branco e puro, de todas as coisas que são o princípio, deu-lhe a criação do homem.

A Oxumarê destinou a chuva. Deu-lhe o poder de exibir sua beleza no firmamento na forma do arco-íris, e o de rastejar no solo feito cobra.

A Ogum deu o ferro e tudo o que se faz com ele, inclusive a guerra.

A Omulu, o poder sobre a peste.

E assim por diante.

Confirmou Exu no cargo de mensageiro dos deuses, pois nenhum outro era capaz de se movimentar como ele. Mas como Exu se cobrira todo com búzios para a reunião, e como búzio naquele tempo era dinheiro, Olorum também deu a ele o patronato dos mercados e o governo das trocas comerciais. E porque, no tempo antigo, era preciso ter muitos braços trabalhando para a família alcançar a riqueza, deu a Exu o poder de fortalecer a sexualidade do homem para que ele tivesse uma prole numerosa.

De todos os filhos de Olorum, apenas Onilé não se mostrara. Onde estaria? Olorum mandou que a procurassem, e ela foi

achada num buraco, enfiada na terra. De terra estava vestida.

"Onilé é tudo", disse Olorum, "porque sobre seu corpo é que os demais se adornam, e toda a beleza que os outros vestem sai da roupa que ela usa." E proclamou que o mundo em que os homens vivem, a Terra, o Aiê, tinha uma dona: Onilé, a Mãe Terra.

Olorum deu assim a cada orixá um pedaço do mundo, uma parte da natureza, um governo particular. Dividiu de acordo com o gosto de cada um.

E disse que a partir de então cada um seria o dono e senhor daquele aspecto do mundo. Assim, sempre que um humano tivesse alguma necessidade relacionada com uma daquelas divisões, deveria pagar uma prenda ao orixá que a possuísse.

O homem pagaria em oferendas de comida, bebida ou outra coisa que fosse da predileção do orixá. Faria festas com música e dança, organizaria os cultos e construiria templos para os orixás.

Os orixás, que tudo tinham ouvido em silêncio, começaram a cantar e dançar em comemoração.

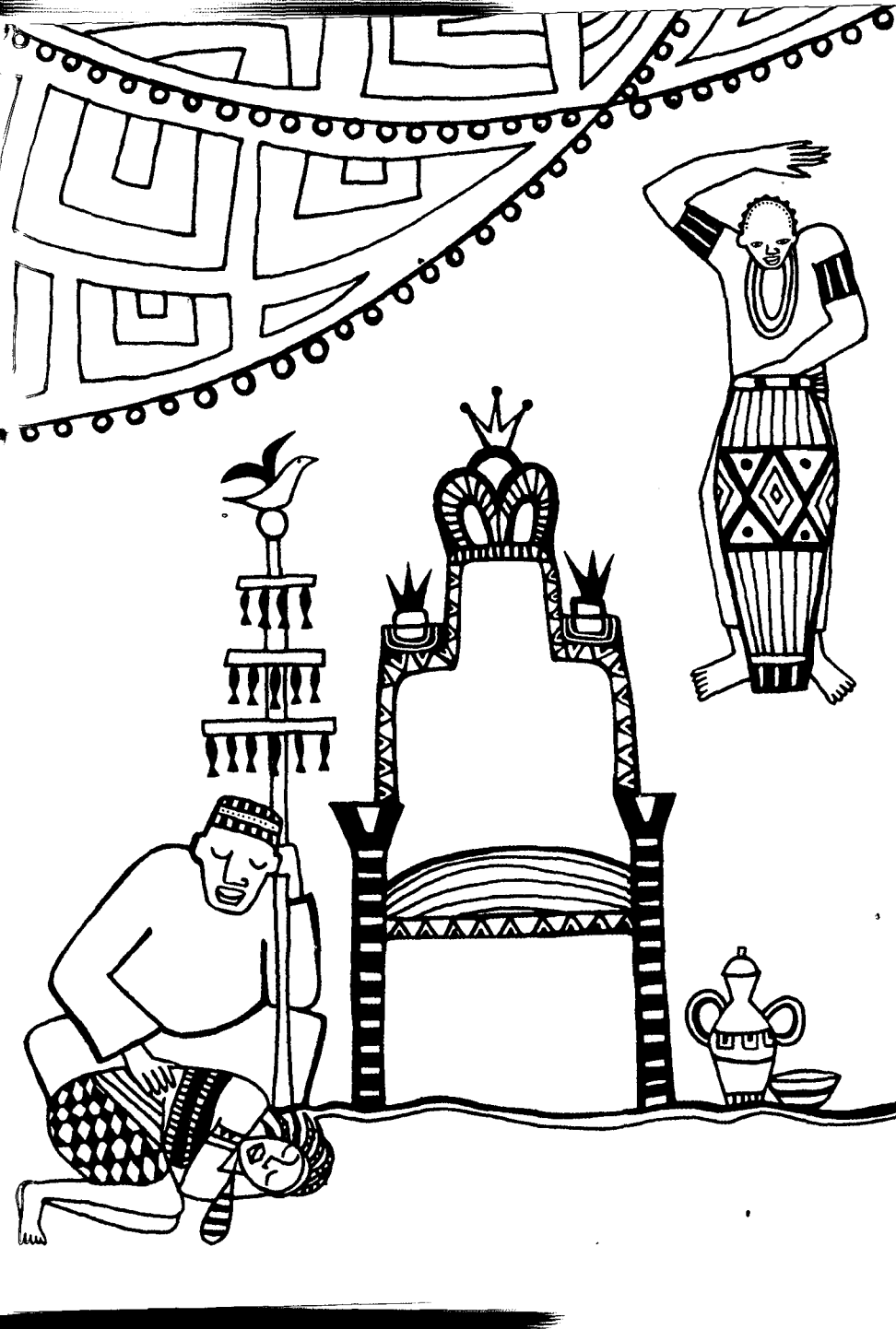
Era grande o alarido na corte divina, a festa chegava ao ponto mais alto. Naquele momento os orixás estavam contentes demais para começar qualquer disputa pelo poder do outro. Talvez por precaução, Olorum lhes ordenara que deixassem suas armas fora do palácio. Era um dia de festa, e todos deviam ficar contentes com o que tinham. O clima era realmente de alegria, mas o mais feliz de todos era Olorum. Dali em diante, os orixás cuidariam do mundo, e ele não teria com que se preocupar. Podia se retirar para o ócio de sua vida eterna, de onde assistiria, preguiçosa e tranqüilamente, sua obra prosseguir. De seu trono veria se descortinarem as aventuras dos orixás, na labuta pelo controle do mundo, e as aventuras dos humanos, na luta pela sobrevivência.

E Adetutu, será que assistiu à festa dos

poderosos? Seu sonho no navio negreiro não teria lhe dado esse poder?

Claro que sim. Ela viu tudo, tudo anotou em sua memória: cada pormenor, cada pedacinho. Depois, quando os orixás dançavam nos salões do Céu, Adetutu perambulava entre eles e ia catando pelo chão e guardando em sua sacolinha tudo o que eles deixavam cair. Colheu escamas e conchas de Iemanjá, pedras-de-raio de Xangô, folhas de Ossaim, uma pulseira de cobre de Oxum e muito mais.

Quando se sentiu cansada, procurou junto ao trono um lugar para se encostar. Olorum já se retirara, deixando a festa para os filhos, e Oxalá, decerto exaurido pela dança, se aboletara num banquinho ao lado do trono, completamente curvado sobre seu cajado. Ele a viu e a fez recostar-se a seus pés e acariciou seus cabelos. Curioso, fez sinal para que ela abrisse o saco de segredos e mostrasse o que havia dentro. Ela soltou o cordão que fechava a sacolinha. Oxalá olhou



dentro do saco e soprou. Ela também olhou e viu que a sacolinha continha o vento, a chuva, as matas, o mar, tudo, tudo. O universo inteiro estava lá dentro, pulsante, luminoso. Adetutu sentiu medo. Rapidamente puxou o cordão de palha-da-costa e fechou o saco de segredos. O Grande Orixá lhe sorriu, e ela, mais tranqüila, cerrou os olhos. Estaria sonhando?, se perguntou.

Quando abriu os olhos de novo, tudo estava imerso em grande escuridão, como a noite sem lua e sem estrelas. Sentia, contudo, que um balanço leve e ritmado embalava seu sono. Cada vez mais o navio negreiro levava Adetutu para longe de casa.

11

A VEZ DA MORTE

Quando o mundo foi criado, coube a Oxalá fazer o homem. O homem se reproduziu e povoou a Terra. Cada natureza da Terra, cada mistério e segredo, tudo foi governado pelos orixás. Oxalá sempre se considerou o responsável por sua criatura, que o ama e venera e o chama de Grande Orixá, que é exatamente o significado de Oxalá na língua do povo de Adetutu, como já sabemos.

No início, os homens não conheciam a própria morte e, com atenção e oferendas aos orixás, conquistavam o que queriam. Mas começaram a se imaginar com os poderes que pertenciam aos orixás e deixaram de alimentar as divindades. Imortais que

eram, os homens se achavam deuses. Não precisavam de outros deuses.

Cansado da falta de consideração dos humanos, Oxalá decidiu que os homens não viveriam mais para sempre. Não seriam mais imortais como os orixás. Seriam bem diferentes. Depois de algum tempo na Terra, eles deveriam morrer. Cada um na sua hora, de acordo com a vontade divina.

Então Oxalá criou a Morte. E a encarregou de fazer morrerem todos os humanos.

A Morte apaga o sopro de Olorum, e o ser humano deixa de viver. Seu corpo apodrece e se transforma em pó. Essa matéria-prima volta para Nanã. O espírito não morre, mas é exilado da Terra para o outro mundo.

A compaixão de Oxalá, entretanto, é infinita. Ele soube o quanto o espírito do homem morto se entristecia no outro mundo. Porque nada do que é bom e prazeroso na Terra existe lá. No outro mundo não há comida nem bebida. Não há música nem

dança, não há festa. Não há riquezas a conquistar. Não há amor carnal nem a alegria de fazer os filhos e vê-los crescer.

Oxalá se condoeu. E decidiu que, depois de certo tempo no outro mundo, o espírito do homem poderia renascer, viver de novo na Terra, outra vez um ser humano vivente. Mas para que nunca mais se imaginassem deuses, Oxalá fez que os homens e mulheres renascidos não pudessem se lembrar de suas vidas passadas. Renasceriam com outra cabeça, outro destino.

É assim que o povo de Adetutu concebe a vida e a morte. E a reencarnação, que junta uma à outra, num círculo que transforma a condição humana numa repetição eterna.

A Morte nunca falha, não perdoa ninguém. Quando chega a hora, lá está ela, implacável. Adetutu sabia disso e temia a Morte mais que tudo. Na travessia, via companheiros de navio morrerem todos os dias. Os navios negreiros eram chamados tumbeiros, porque parte dos negros amontoados nos porões

morria durante a viagem. Eram embarcados nos tumbeiros como quem é depositado numa tumba. Em cada dez, de um a quatro não chegavam vivos do outro lado do oceano.

Os africanos aprisionados morriam de maus-tratos, de falta de higiene, de fome, de sede, de escorbuto, varíola e disenteria, de infecções as mais variadas. Até de falta de ar se morria nos porões fechados dos tumbeiros, os corpos nus e esqueléticos amontoados como trastes inúteis.

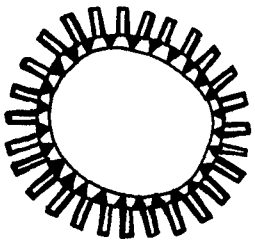
Os porões juntavam gente de toda parte, uns não compreendiam a língua dos outros e, no desespero, se desentendiam, brigavam por um gole de água, por um pedaço de chão para dormir. Se mordiam, se machucavam, as feridas abertas infeccionavam e traziam a febre, e a febre trazia a morte.

Morriam sobretudo de banzo, uma espécie de melancolia profunda causada pela saudade de sua terra e de sua gente.

Adetutu teve muito medo de morrer no navio negreiro. Quando menina, ela ouvia a

avó dizer que todos têm sua hora de morrer. Teria chegado a dela? Às vezes, explicava a avó, fatos extraordinários podiam provocar uma grande desordem no mundo, e a Morte se aproveitava disso, levando muitas vidas antes da hora. A mortandade podia ser desencadeada por uma catástrofe da natureza, alguma má ação por parte de alguém ou de um grupo, ou então um feitiço. Eram as mortes mais choradas.

A avó também gostava de contar que a Morte, apesar de seu poder, fora, uma vez, vencida por duas crianças. Era a história preferida de Adetutu. A menina fechou os olhos e se concentrou no que a avó contava.



Num tempo muito antigo, tudo transcorria normalmente na aldeia. Todos faziam seu

trabalho, as lavouras davam bons frutos, os animais procriavam, crianças nasciam fortes e sadias. Mas, de repente, tudo começou a dar errado. As lavouras ficaram inférteis, as fontes e correntes de água secaram, tudo que era bicho de criação definhou. Quase não havia mais o que comer e beber. No desespero da difícil sobrevivência, as pessoas se agrediam umas às outras, ninguém se entendia, qualquer coisa virava uma guerra.

As pessoas começaram a morrer aos montes. Instalada no povoado, a Morte vivia rondando todos, especialmente os mais fracos, velhos e doentes. Ela roubava essas pessoas, tirava-lhes a vida e as levava para longe da família e dos amigos.

Na aldeia, morria-se de todas as causas possíveis: de doença, de velhice e até mesmo ao nascer. Morria-se afogado, por causa de acidentes, por maus-tratos e violência, e também de fome e sede. Mas também se morria de tristeza, de saudade e de amor.

A Morte fazia o seu grande banquete. Havia luto em todas as casas. Todas as famílias choravam.

O rei enviou muitos emissários para falarem com a Morte, que dava sempre a mesma resposta: não fazia acordos. Ela estava apenas cumprindo seu papel: destruir um por um, sem piedade. Afinal, a culpa não era dela; alguém desgovernara o mundo. Se houvesse alguém forte o suficiente para enfrentá-la, que tentasse, só que seu fim seria ainda mais sofrido e penoso.

Mas como também gostava de jogar, a Morte mandou dizer ao rei que daria uma chance à aldeia. Foram estas as suas palavras:

"Se alguém daqui me fizer agir contra minha vontade, eu irei embora."

Se a Morte fosse contrariada, o feitiço seria quebrado, explicou a avó de Adetutu. Parecia que a causa de tantas mortes era mesmo obra de feitiçaria.

Aos mensageiros do rei, a Morte disse ain-

da que havia uma condição: quem desejasse enfrentá-la teria de fazer isso sozinho.

Esse era um detalhe importante para o desencantamento funcionar, acrescentou a avó.

Mas quem se atreveria a enfrentar a Morte? Os mais bravos guerreiros estavam mortos ou ardiam em febre em suas últimas horas de vida. Os mais astutos diplomatas havia muito tinham partido para o outro mundo.

Foi então que dois meninos, os gêmeos Taió e Caiandê, resolveram pregar uma peça na Morte e dar um basta aos seus ataques. Os Ibejis, nome iorubá que significa gêmeos, pegaram seus tambores mágicos, que tocavam como ninguém, e saíram à procura da Morte.

Não foi difícil achá-la numa estrada próxima, por onde ela perambulava em busca de mais vítimas. Sua presença era anunciada, do alto, por um bando de urubus que sobrevoavam sua sombra. E o cheiro, ah, o

cheiro! A fedentina que a Morte produzia ao redor faria até uma estatueta de madeira vomitar. Os meninos se esconderam numa moita e esperaram que ela se aproximasse.

Não tardou e a Morte foi chegando. Os irmãos tremeram da cabeça aos pés. Ainda escondidos na moita, só de olhar para ela sentiam os pêlos dos braços arrepiarem. A pele da Morte era branca, fria e escamosa. O cabelo, sem cor, desgrenhado e quebradiço. A boca sem dentes expelia uma baba esbranquiçada e purulenta. O hálito era puro fedor.

Adetutu tapou as narinas com os dedos e desviou o olhar.

Mas Adetutu podia jurar que a Morte estava feliz e contente. Estava até cantando! Pudera, tendo ceifado tantas vidas e tendo tantas outras para extinguir. Mas o canto da Morte era tão cavernoso e desafinado que os passarinhos que ainda sobreviviam silenciavam como se fossem mudos brinquedos de pedra. O canto da Morte, se é

que se pode chamar aquele ruído de canto, era tão desconfortável e medonho que os cachorros esqueléticos uivavam feito loucos, e os gatos magros bufavam e se arrepiavam todos.

Percebendo que Adetutu estava com medo, a avó a abraçou com força. A menina se acalmou, e a mulher continuou a história dos gêmeos.

Numa curva do caminho, um dos irmãos saltou do mato para a estrada a poucos passos da Morte. Tocava o tambor mágico com ritmo e graça como nunca tocara antes. Com determinação e prazer, lá foi o menino estrada afora com o tambor. O outro gêmeo permaneceu escondido, seguindo o irmão por dentro do mato.

A Morte se encantou com o ritmo, ensaiou com passos trôpegos uma dança desengonçada e foi atrás do tambor, dançando sem parar.

Mas que espetáculo grotesco, considerou Adetutu.

Passou-se uma hora, passou-se outra e mais outra. O menino não fazia pausa, e a Morte começou a se cansar. O sol já ia alto, os dois seguiam pela estrada, e o tambor batucando sem cessar. O dia deu lugar à noite, e o tambor batucando sem cessar. E assim ia a coisa, madrugada adentro. O menino tocava, a Morte dançava. O menino na frente, ligeiro e folgazão, a Morte atrás, em sua dança patética. Só que ela estava exausta, não agüentava mais.

"Pare de tocar, menino, vamos descansar um pouco", ela pediu mais de uma vez.

Ele não parava.

"Pare essa porcaria de tambor, moleque, ou vai me pagar com a vida agora mesmo", ela ameaçou mais de uma vez.

Ele não parava.

Adetutu e o gêmeo escondido no mato deram-se as mãos, torcendo pelo gêmeo na estrada.

"Pare que eu não suporto mais", implorou a Morte repetidas vezes.

O menino não parava.

Taió e Caiandê eram gêmeos idênticos. Ninguém sabia diferenciar um do outro, muito menos a Morte, que sempre foi cega e burra. Pois bem, o moleque que a Morte via tocando na estrada sem parar não era sempre o mesmo. Enquanto um irmão tocava, o outro seguia por dentro do mato, sem se deixar ver. Passada uma hora, trocavam de posição, se aproveitando de uma curva da estrada, com cuidado para a Morte não perceber nada. No mato, o irmão que descansava podia fazer suas necessidades, beber a água depositada nas folhas dos arbustos e enganar a fome comendo as frutinhas silvestres que restavam. Os gêmeos se revezavam, e o tambor não parava um minuto sequer. Mas a Morte, coitada, não tinha substituto, não podia descansar, mal conseguia respirar. Nem suspeitava do ardil dos gêmeos.

Parecia coisa tramada por Exu, pensou Adetutu, que não se surpreendeu quando

ele se materializou bem ao seu lado e piscou para ela. Ela tirou do saco de segredos uma noz-de-cola e deu a ele.

"É pelos Ibejis", disse Adetutu.

E a Morte, na estrada:

"Pare, pare, menino maldito."

O menino não parava.

E assim foi, por dias e dias. Até os urubus já tinham deixado de acompanhar a Morte, preferindo pousar nos galhos secos das árvores, à espera do que poderia sobrar para eles. E o tambor batucando sem cessar, uma hora Taió, outra hora Caiandê.

Por fim, não agüentando mais, a Morte gritou:

"Pare com esse tambor maldito, e eu faço qualquer coisa que me pedir."

O menino virou para trás e disse:

"Pois então vá embora e deixe minha aldeia em paz."

"Aceito", ela berrou, e depois vomitou na estrada.

O menino parou de tocar e ouviu a Morte se lamentar:

"Ah! que fracasso, o meu. Vencida por um pirralho. Eu me odeio. Eu me odeio."

Oculta atrás da moita, Adetutu quis aplaudir, mas temeu ser descoberta pela Morte.

Então a Morte se virou e foi embora para longe do povoado. Só as moscas a acompanharam, zunindo em volta de sua cabeça descarnada.

Tocando e dançando, os gêmeos foram levar a boa-nova à aldeia, onde foram recebidos com festas de agradecimento.

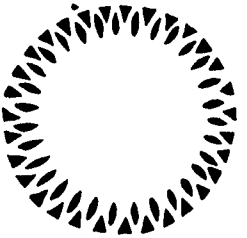
Muitas homenagens foram feitas àos valentes Ibejis. E em pouco tempo a vida normal voltou a reinar no povoado, a saúde retornou às casas, e a alegria reapareceu nas ruas.

Mais tarde, quando chegou a hora de Taió e Caiandê morrerem, a Morte não veio buscá-los. E assim os gêmeos, os Ibejis, foram transformados em orixás, e desde

então as crianças têm no Céu alguém para zelar por elas.

Quando Adetutu não era mais uma menina, e sua avó já havia partido, ela ainda se lembrava da lenda dos Ibejis que enganaram a Morte. Quando Adetutu se casou e teve filhos gêmeos, ela os chamou de Taió e Caiandê.

Nas sombras do navio negreiro, o pé machucado de Adetutu doía, e ela sentiu medo de estar com febre, de ficar muito doente e morrer. Teve medo da Morte. Não era só uma dor física. A falta de sua gente e a saudade de Taió e Caiandê a faziam sofrer demais, mas ela prometeu não se entregar ao banzo. Sobreviveria à viagem no tumbeiro e a tudo de ruim que viesse depois. Se necessário, também enganaria a Morte. Taió e Caiandê, seus Ibejis a ajudariam. Adetutu precisava viver, tinha seus sonhos para sonhar.



12

CÉU E TERRA SE SEPARAM

Quando a Morte foi criada, o mundo dos humanos e o dos espíritos já estavam separados um do outro. Mas não foi sempre assim.

No começo os homens habitavam a Terra, que eles chamavam de Aiê, e os orixás e os espíritos habitavam o Céu, o outro mundo, que eles chamavam de Orum. Mas a fronteira entre os dois mundos era aberta, de modo que homens e divindades iam e vinham, passando de um mundo a outro, compartilhando vidas e aventuras.

Adetutu ouviu dizer muitas vezes que, quando a passagem entre o Orum e o Aiê era livre, os homens invadiam o espaço sagrado dos deuses e, sem o menor respeito,

sujavam tudo, tocavam as paredes dos palácios com mãos imundas, pichavam os muros com desenhos sem sentido, atiravam no chão o lixo que eles mesmos produziam.

Oxalá foi reclamar a Olorum, o Senhor do Céu, Deus Supremo, que, irado com a sujeira, o desperdício e a displicência dos mortais, lançou seu sopro divino e separou para sempre o Céu da Terra.

Assim, o Orum foi isolado do mundo dos homens, e nenhum humano podia mais entrar ali com vida. E os orixás também não podiam mais vir à Terra. Agora havia o mundo dos homens e o dos orixás, separados.

Isoladas dos humanos habitantes do Aiê, as divindades se entristeceram no Orum. Os orixás tinham saudade de suas peripécias entre os humanos e andavam infelizes e amuados. Sentiam falta das festas dos humanos, em que havia sempre comida, bebida, música e dança. Nada substituía a alegria dos mortais.

Foram se queixar a Olorum, que acabou consentindo que os orixás retornassem à Terra vez por outra. Para isso, entretanto, teriam de tomar o corpo material dos habitantes terrenos, porque o mundo agora estava dividido em dois: o do espírito e o da matéria.

Oxum, que antes gostava de vir à Terra brincar com as mulheres, dividindo com elas sua formosura e vaidade, ensinando-lhes feitiços de sedução e encantamento, recebeu de Olorum um novo encargo: preparar os mortais para receberem em seus corpos os orixás quando de sua visita à Terra.

Oxum fez oferendas a Exu para ter sucesso em sua missão. Dela dependia a alegria dos seus irmãos e amigos orixás.

Veio ao Aiê e juntou as mulheres à sua volta, banhou seus corpos com ervas preciosas, raspou seu cabelo e tatuou seus corpos. Pintou-as com pigmentos mágicos, vestiu-as com belíssimos panos e fartos

laços, enfeitou-as com jóias e coroas. No alto da testa fixou uma pena vermelha de papagaio-da-costa, como a que o próprio Oxalá gostava de usar para se enfeitar.

Adetutu se viu em seus dias de iniciação. Semanas recolhida na clausura do templo, tomando banhos de purificação, aprendendo as rezas, ensaiando os gestos apropriados. Cada vez mais a consciência de si mesma dava lugar a um novo ser, e ela sentia que se aproximava a hora em que Xangô, seu orixá, tomaria seu corpo. Sentia o mundo se distanciar dela, como se estivesse se preparando para morrer e nascer de novo. Não estava sozinha, tinha suas companheiras de iniciação.

Oxum cuidava de todas com zelo, aprontando cada uma para seu orixá. Com ansiedade elas esperavam o dia da grande festa, quando os deuses se mostrariam em meio à comunidade dos humanos. Nas mãos, Oxum as fez levar leques, espelhos, cetros, e nos braços, dúzias de pulseiras de metal

precioso. O colo, cobriu com voltas e voltas de coloridos colares de miçangas e múltiplas fieiras de búzios, corais e pequenas peças de cerâmica.

Finalmente estavam preparadas. E estavam odaras. Eram as sacerdotisas mais bonitas que a vaidade de Oxum conseguia imaginar. Estavam prontas para os deuses.

A jovem Adetutu, quase uma menina ainda, estava lá para emprestar seu corpo ao orixá para que ele se manifestasse na Terra e convivesse momentaneamente com os humanos. Assim sua gente cultuava seus deuses. Ela conhecera a emoção profunda que significava para uma sacerdotisa emprestar seu corpo à sua divindade num ritual de convivência dos deuses com os homens.

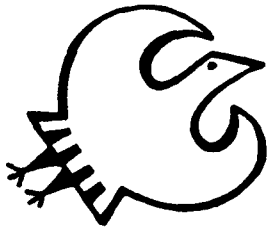
Graças às suas sacerdotisas, os orixás agora podiam retornar ao Aiê, podiam se mostrar no corpo das devotas e reviver, por meio das danças, suas aventuras na Terra.

Mas ainda havia muito a fazer para a grande ocasião.

Os animais mais viçosos foram abatidos para o preparo dos pratos mais finos. Temperos inundavam de aromas raros a cozinha abarrotada de alimentos preparados com capricho. Os humanos ofereciam essas iguarias aos orixás e os convidavam à Terra, aos corpos das sacerdotisas. Os orixás, por sua vez, aceitavam o convite e se manifestavam entre os humanos.

E enquanto os homens tocavam tambores, vibravam batás e agogôs, soavam xequerês e adjás, enquanto os devotos davam vivas e aplaudiam, os orixás, no corpo das iniciadas, dançavam e dançavam e dançavam. Podiam de novo conviver com os mortais. Os orixás estavam felizes outra vez. O Céu fora religado à Terra.

A isso, mais tarde, o homem chamaria religião, a religação entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses.



EPÍLOGO
NA CIDADE DO SALVADOR, BAHIA, BRASIL

O navio negreiro chegou finalmente ao Brasil, e sua carga humana foi desembarcada na cidade do Salvador, capital da província da Bahia. Transcorrera um mês e alguns dias desde que o navio deixara o porto na costa africana.

Os prisioneiros que sobreviveram à travessia foram levados a um armazém de escravos, onde foram lavados e depois alimentados durante alguns dias para que engordassem. Um trapo amarrado em torno dos quadris cobria-lhes o sexo. No mercado de escravos foram vendidos aos que fizeram melhor oferta em dinheiro.

Para satisfação do leiloeiro que a vendeu, a ferida no pé de Adetutu cicatrizara: uma

escrava nova, forte, de muito boa aparência e sem defeito físico nem enfermidade. Mas a marca do ferimento ficaria ali para sempre, como lembrança de um dia trágico, que já ia distante.

Adetutu voltava do mercado numa cidade vizinha com suas companheiras. O caminho margeava a mata escura habitada pelos maus espíritos. Mais alguns quilômetros, e estariam em casa. Adetutu não via a hora de chegar e amamentar Taió e Caiandê, ainda pequenos demais para sair com a mãe na estrada. Nunca chegaria. As mulheres e crianças que seguiam pela estrada foram surpreendidas por um grupo de caçadores de escravos. Adetutu tentara fugir, mas uma lança a ferira no pé, e ela caíra. Foram levadas acorrentadas umas às outras. Atadas ao libambo, cadeia de ferro que as prendia por uma argola no pescoço, marcharam muitos dias pelo interior, até chegar ao litoral. No porto, foram entregues a traficantes brasileiros e, depois de

alguns dias, embarcadas num navio negreiro, juntamente com outras mulheres, crianças e homens trazidos de diferentes lugares. O tumbeiro estava abarrotado, eram uns quinhentos prisioneiros. Depois veio a travessia, em que muitos pereceram, e finalmente o porto no Brasil.

No mercado de escravos, Adetutu alcançou bom preço pelo ótimo estado do corpo e dos dentes, foi considerada uma boa peça. Agora, era uma escrava de ganho. Trabalharia para todos os que necessitassem de seus serviços e produtos, e com isso ganharia dinheiro para seu proprietário. Moraria com outros negros, uns africanos, outros já nascidos no Brasil, num bairro negro no centro da cidade. Era uma escrava destinada ao trabalho urbano, não trabalharia nem nas roças nem nas minas, e não moraria em senzala. Ainda assim era uma escrava, escrava de ganho, uma negra ganhadeira. Trabalharia anos a fio como vendedora de acarajés, lavadeira, passadeira, arruma-

deira e em tudo o mais que rendesse algum pagamento. O dinheiro ganho com seu trabalho pertencia a seu dono, seu senhor, e ela ficava com o que ganhava trabalhando umas poucas horas semanais reservadas ao escravo para o provimento do próprio sustento. Economizando tostões, Adetutu juntou um pecúlio e conseguiu, depois de trinta anos, comprar sua alforria, isto é, a liberdade. Com uma pequena sobra, montou uma quitanda e prosperou. Poderia agora realizar seu sonho maior, cumprir a missão a que se sentia destinada.

Antes do embarque no navio negreiro, Adetutu fora batizada na religião católica e marcada com ferro em brasa no lado direito do peito com um sinal de propriedade particular, a marca da escravidão. No lado esquerdo, o ferro quente imprimira uma cruz,a marca da cristandade. No Brasil, aprendera rapidamente a língua portuguesa e assimilara os hábitos locais. Seu nome de batismo era Maria da Conceição. Deveria

freqüentar uma igreja do bairro da Barroquinha, destinada especialmente a africanos e brasileiros negros originários da mesma região da África da qual ela viera. Adetutu, como qualquer outra alma vivente em solo brasileiro naquela época, era católica, tinha de ser. Mas nunca renegou os orixás, nunca deixou de amá-los com devoção. Nunca esqueceu seus mitos, lendas, aventuras. Nunca deixou de sonhar.

Finalmente chegara a hora. Adetutu era livre, estava bem de vida, conhecia muitos negros que, como ela, permaneceram devotados aos seus deuses, às suas raízes. E, antes de qualquer coisa, era uma sacerdotisa de Xangô. Fora iniciada para o serviço religioso dos orixás. No fundo do quintal da igreja, onde os negros de sua origem étnica costumavam fazer suas festas, Adetutu Maria da Conceição começou a organizar um grupo de culto, recuperando a memória de seus deuses, reavivando suas tradições.

Mais tarde, comprou um terreno nos arrabaldes de Salvador e, junto com seus companheiros de devoção, ali levantou um templo, uma modesta construção de pau-a-pique com telhado de sapé. Era a casa de Xangô, onde todos os orixás seriam bem-vindos. Cada negro que se juntava à casa de mãe Conceição, como agora chamavam Adetutu, lá encontrava o culto de seu orixá, fosse ele Exu, Ogum, Oxóssi, Ossaim, Iroco, Ibejis, Nanã, Omulu, Oxumarê, Euá, Xangô, Obá, Iansã, Oxum, Logum Edé, Iemanjá, Ifá, Odudua, Oxaguiã, Oxalá. Cada um com seus mitos, seus ritos, seus objetos sagrados.

Adetutu Maria da Conceição fora iniciada nos rigores da religião africana e tinha o poder de iniciar outras sacerdotisas e sacerdotes. Foi o que ela fez.

Preparou jovens negras para possibilitar aos orixás, no transe ritual, tomar seus corpos e vir dançar entre os mortais, narrando por meio de elaboradas coreografias passagens de suas aventuras míticas, refazendo

em cada passo os contos e lendas da criação do mundo e de tudo que se seguiu depois.

Os homens foram iniciados para tocar os atabaques sagrados, realizar os sacrifícios e cuidar dos altares e da segurança do grupo de culto.

Num pequeno quarto do novo templo, mãe Conceição montou os altares dos orixás, onde eles receberiam as oferendas dos devotos. Nos altares, representando os deuses, foram depositados os objetos da sacolinha de segredos, as relíquias sagradas trazidas dos sonhos de Adetutu na longa jornada do navio negreiro através do Atlântico.

Dos segredos e mistérios da sacolinha mágica, o maior era o de sua preservação. No navio negreiro, os escravos eram mantidos nus, acorrentados ao chão da embarcação. Na chegada, foram banhados e mantidos nus até o momento da venda, quando então eram cobertos por uma pano irrisório que nada escondia. O cabelo fora cortado rente. No leilão, cada centímetro do corpo havia sido

examinado e apalpado por vendedores e compradores. Como escrava, Adetutu nada podia ter de seu, mas sempre conservara atada ao pescoço a pequena sacola que um dia Exu lhe dera em sonho. Esse detalhe nunca foi notado por outros, nem mesmo pelos companheiros do tumbeiro aos quais Adetutu estava agrilhoada. Ela não sabia explicar, mas acreditava tratar-se de mais uma maravilha dos orixás.

Talvez tudo o que fizesse no futuro em prol dos orixás devesse ser tratado igualmente: em segredo, escondido, longe da vista dos não crentes. Por isso escolhera um lugar tão distante para o templo, no meio do mato, tanto quanto possível a salvo da curiosidade e livre da sanha de perseguição que por certo os orixás despertariam entre os senhores brancos. Um dia, quem sabe, quando o país aprendesse a amar os orixás e aceitá-los, não haveria mais razão para manter escondidos tantos mistérios, tantos segredos guardados.

Os tambores, finalmente, soaram no templo de Xangô. Era a noite de 29 de junho de 1830, ou de um ano próximo a esse, ninguém sabe dizer ao certo. Adetutu passava dos cinqüenta anos, mas se sentia como a menina que ganhara acarajés de Iansã. Uma fogueira fora acesa no terreiro atrás da casa, onde a cerimônia dançante tomou lugar. As sacerdotisas recém-iniciadas, lideradas por mãe Conceição, dançavam em roda, entoando os cânticos que contavam histórias dos orixás. Os que não dançavam nem tocavam juntavam-se para aplaudir e incentivar as dançarinas. Da cozinha rústica vinha o cheiro de acarajés sendo fritos no azeite de dendê e do guisado apimentado que a cozinheira dos deuses preparava com as carnes dos animais oferecidos em sacrifício. No início da cerimônia já haviam ofertado a Exu uma refeição de farofa, inhame, um frango cozido em azeite de dendê com cebola e pimenta, acompanhada de água fresca, mel, aguardente e noz-de-cola. No encerramen-

to, todos comeriam do banquete dos orixás, comida para alimentar o corpo e o espírito, momento da comunhão dos humanos com os orixás.

Agora, no terreiro, os tambores aceleravam o ritmo, e as dançarinas se entregavam com destemor ao arrebatamento de uma coreografia que parecia conclamar a tempestade a se juntar a elas. O atabaque maior repicava como o estrondo do trovão.

De repente, em extremo frenesi, o corpo de mãe Conceição foi tomado de tremores violentos, e pareceu que ela seria lançada ao chão. Mais de uma vez teve que ser amparada para não se ferir numa queda. Tremeliques lhe percorriam as espáduas e parecia que sua coluna se partiria em pedaços.

Então, com os braços esticados acima da cabeça, as mãos espalmadas e as pernas abertas, fincadas no chão, o corpo se imobilizou num átimo, e os presentes ouviram sair de sua boca o som rouco e profundo do trovão. Os participantes se prosternaram

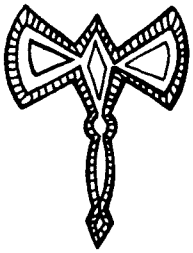
no chão nu do terreiro, saudando o grande acontecimento.

Mãe Conceição, naquele instante, não existia mais. Nem Adetutu. Quem estava presente era Xangô.

Uma mulher correu para dentro e voltou com um pano estreito e comprido com que amarrou junto ao tórax os seios da sacerdotisa. Outra trouxe uma coroa, com a qual lhe cingiu a cabeça. Uma terceira veio com dois machados duplos, que entregou ao orixá.

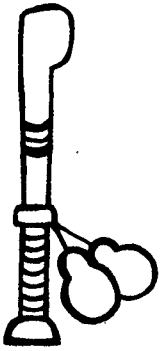
Em meio à alegria reverente dos presentes, os tambores voltaram a soar, e Xangô, pisando descalço o chão do Brasil, dançou a noite toda sob as estrelas de sua nova pátria.

Estava criado o candomblé, a religião dos orixás em terras brasileiras.



APÊNDICE

OS DEUSES DA MITOLOGIA AFRO-BRASILEIRA



EXU

Os orixás são os deuses de povos africanos denominados iorubás, que habitam territórios que hoje se encontram principalmente na Nigéria e no Benim. Os iorubás são mais conhecidos no Brasil pelo nome de nagôs, e em Cuba, por lucumis.

Os orixás chegaram ao nosso país com os iorubás trazidos para o trabalho escravo, que aqui plantaram muitas de suas tradições, especialmente a religião. No século XIX, em diferentes partes do Brasil, a religião dos orixás tomou uma forma específica e recebeu nomes particulares: candomblé na Bahia, xangô em Pernambuco, tambor-de-mina nagô no Maranhão, batuque no Rio Grande do Sul. No início do século XX, no Rio de Janeiro, do encontro do candomblé com o espiritismo, originário da França, nasceu a religião denominada

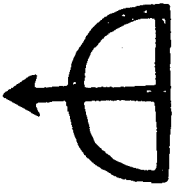
umbanda, rapidamente disseminada por todo o país. E a partir de 1960, o candomblé de origem baiana também se espalhou por todo o Brasil.

São essas as chamadas religiões afro-brasileiras.

Em outros países da América, como Cuba, Haiti e Trinidad e Tobago, também surgiram diferentes modalidades da religião dos orixás, como a santeria cubana. Hoje em dia o culto aos orixás pode ser igualmente encontrado nos Estados Unidos, Argentina, Uruguai e alguns países da Europa, levado por brasileiros e cubanos.

OGUM

Segundo a crença iorubá, Olorum, o Deus Supremo, criou os orixás e os encarregou de criar e governar o mundo. Olorum, também chamado Olodumare, não interfere nos acontecimentos do mundo habitado pelos humanos. É um deus distante e inacessível. E tudo



OXÓSSI

o que acontece no mundo depende dos deuses orixás, existindo uma divisão de tarefas entre eles. Cada um é responsável por determinado aspecto físico do universo e certa dimensão da cultura e da sociedade.

As religiões em que se dá essa divisão do trabalho divino são chamadas politeístas, isto é, religiões de muitos deuses, mesmo quando está presente um deus considerado superior aos demais, um deus supremo. São desse tipo as religiões clássicas do mundo grego e do Império Romano, assim como a religião do Egito antigo. Na América, eram politeístas as religiões de povos pré-colombianos, como os incas, os maias, os zapotecas e os astecas. Também é o caso do hinduísmo e de outras religiões antigas e contemporâneas.

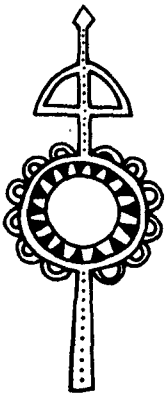
Por outro lado, o judaísmo e as religiões que dele se originaram — os diferentes credos cristãos e o islã — são religiões monoteístas. Seus seguidores crêem em um só Deus, embora acreditem também na existência dos anjos, que consideram criações

divinas. Os católicos reverenciam os santos, que foram homens e mulheres que tiveram uma vida exemplar, segundo as normas pregadas pela Igreja, e que, no Céu, intercedem junto a Deus em favor dos vivos. Há geralmente uma espécie de divisão de trabalho entre eles. Já os seguidores das igrejas protestantes, ou evangélicas, que também são cristãos, não cultuam santos.

Nessas religiões ditas monoteístas, a Deus se opõe o diabo, um anjo que se rebelou contra o Criador e que representa a encarnação do mal. Deus é bom e fonte de todo o bem. O diabo é o contrário. Nas religiões africanas

que chegaram ao Brasil, por sua vez, não há originalmente separação entre o bem e o mal em pólos opostos, pois tudo e todos têm seu lado bom e seu lado mau. Como os orixás e os seres humanos. Como a natureza, a sociedade, a vida. Nada nem ninguém é inteiramente uma coisa ou outra. O bem e o mal são faces da mesma moeda.

No Brasil os orixás se misturaram aos santos católicos, dividindo com eles a tarefa de atender aos pedidos dos homens. Além disso, esse panteão afro-brasileiro foi ampliado com a presença de outros deuses africanos também trazidos durante a escravidão: os voduns dos fons ou daomeanos, povos denominados jejes no Brasil, e os inquices dos povos bantos. O mesmo aconteceu em outros países da diáspora africana, como se chama a dispersão dos africanos pelo mundo em conseqüência do tráfico de escravos. No Brasil, orixás, voduns e inquices são cultuados em diferentes tipos de candomblé.



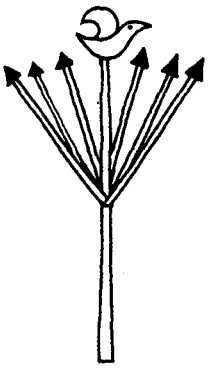
LOGUM EDÉ

Os orixás são, primeiro, forças da natureza. A maioria dos orixás femininos está associada às águas, especialmente aos rios, como Oxum, Euá, Iansã. Iemanjá, orixá de um grande rio africano, na América também representa o mar. Os masculinos aparecem mais ligados à terra, compreendendo o solo e o subsolo, como Ogum, Omulu e Iroco. O fundo lamacento dos lagos e dos pântanos, encontro de dois elementos, é de Nanã. O ar que respiramos cabe a Oxalá e Oxaguiã, orixás da Criação. Os fenômenos da atmosfera pertencem a Xangô, Oxumarê, Iansã. A vegetação e os animais estão relacionados aos orixás caçadores, Ogum, Oxóssi, Ossaim, Erinlé, Logum Edé, sendo esses dois últimos também de rio. Alguns orixás estão associados a mais de um aspecto da natureza.

Os antigos iorubás cultuavam também

seus antepassados humanos: os ancestrais fundadores das linhagens familiares, reis e outras personalidades importantes para o grupo, cuja memória é preservada e louvada por seus descendentes. Eles dão identidade ao grupo, pois ensinam de quem ele se originou, lhe dão proteção e o ajudam a enfrentar as dificuldades da vida.

Num determinado momento, o culto das forças da natureza fundiu-se com o culto aos antepassados, formando-se uma única religião. O orixá passou a representar conjuntamente a força da natureza e o antepassado do grupo, da família ou da pessoa. Os orixás, antes vistos unicamente como a força do raio, do rio, do mar etc., foram antropomorfizados, isto é, adquiriram forma humana, e ganharam uma biografia mítica, sendo responsabilizados também por aspectos socioculturais.



OSSAIM

Tudo isso aconteceu na África, muito tempo antes da chegada dos orixás ao Brasil. Muito antes da diáspora negra.

Numa época primeva, que chamamos de tempo mítico, os orixás teriam habitado a Terra, muitas vezes na forma de um rei, um sacerdote, uma rainha ou outro personagem importante. As aventuras que aqui viveram passaram a ser narradas ao longo dos séculos, compondo-se uma extensa mitologia, que é transmitida oralmente de geração a geração. Os povos iorubás, até a chegada dos europeus na África, não conheciam a escrita.

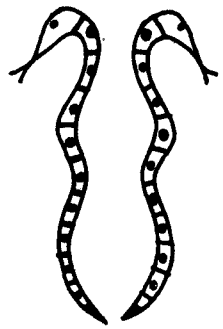
Essa mitologia fala dos orixás, de antigos humanos, de animais e de tudo o mais que existe neste e no outro mundo. É a fonte do conhecimento iorubá, seu patrimônio imaterial mais importante. A mitologia explica o que aconteceu, acontece e acontecerá no mundo, e serve como modelo de conduta para os que vivem hoje. Corresponde ao conhecimento científico, filosófico e literário das civilizações ocidentais, acumulado nos livros, nas bibliotecas.

Na África os orixás são muito numerosos. Deles, foram preservados no Brasil cerca de vinte.

Xangô, rei mítico da cidade de Oió, é o orixá da justiça, do governo e da burocracia, papel que acumulou à regência do trovão e do fogo. Sua esposa Iansa, orixá do rio Níger, divide com ele o patronato das intempéries, dominando o vento, o raio, as tempestades. Responsável pela condução dos mortos ao outro mundo, Iansã comanda, neste mundo, a sexualidade e o poder das mulheres. Oxum, outra esposa de Xangô, cultuada inicialmente no rio que leva seu nome, tem o domínio do amor, da vaidade, da riqueza. Obá, a primeira esposa do orixá do trovão e orixá do rio Obá, responde pelo cotidiano do domicílio.

Regente dos minérios de ferro, Ogum

ocupa-se de uma dimensão fundamental da vida humana: o trabalho. Seu culto acompanhou diferentes momentos da história da sociedade iorubá. Inicialmente os antigos iorubás formavam uma sociedade de coletores, e ainda nem eram denominados iorubás, o que só veio a acontecer no século XIX. Nesse período, Ogum era considerado orixá da caça. Por isso é apresentado na mitologia também como caçador. Depois, com o desenvolvimento da agricultura, ganhou a posição de orixá que rege essa atividade. Mais tarde, com o ingresso da sociedade iorubá na idade do ferro, Ogum passóu a ser cultuado como o inventor da forja e criador dos instrumentos metálicos que o homem usa na agricultura e em outras atividades. Tendo inventado igualmente as armas feitas de ferro, foi alçado à posição de regente da guerra. É caçador, agricultor, ferreiro e guerreiro. Também foi rei da cidade de Irê. Hoje é o orixá da indústria e da tecnologia. Ao longo de diferentes épocas, Ogum tem



OXUMARÊ

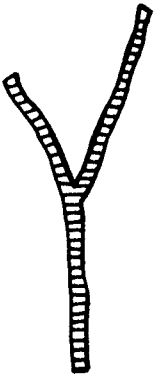
sido cultuado como protetor dos caçadores, agricultores, artesãos do ferro, operários industriais, soldados, profissionais militares, engenheiros, tecnólogos...

Acredita-se que qualquer inovação importante tem à frente um orixá. Dando forma às suas idéias, desejos e outros sentimentos, os orixás introduzem na cultura de seu povo novos objetos e processos que afetam o cotidiano. É o caso do pilão, um instrumento simples, mas que mudou os hábitos de preparo dos alimentos. Sua invenção é creditada a Oxaguiã, que com isso ganhou o lugar de orixá criador da cultura material. A humanidade aprendeu a processar no pilão os alimentos fundamentais para a sobrevivência humana, produzindo massa de inhame, batata, mandioca e outras raízes e tubérculos. O gral de pau rijo, também chamado almofariz, morteiro ou simplesmente pilão, foi dos primeiros instrumentos eficazes usados para descascar e triturar arroz, trigo, milho, café. Socando as sementes, se

OMULU

produziram com facilidade as farinhas que deram ao homem o pão, os bolos, as farofas. É enorme a variedade de comidas, condimentos, bebidas e até remédios preparados no pilão. A partir do pilão de pau a humanidade aprendeu a fazer pilões de pedra, de metal, de todos os formatos e tamanhos. Sua forma mais primitiva consiste numa pedra com que se amassa o alimento sobre outra pedra. Depois do pilão vieram inovações como os monjolos, os moinhos de manivela, os moinhos de vento e os de água corrente, até se chegar às modernas usinas e refinarias. Mas segundo o mito, tudo começou com o pilão de Oxaguiã e seu desejo insaciável de comer purê de inhame.

Há quem diga que Oxaguiã é um orixá filho de Oxalá. Outros afirmam que se trata do próprio Grande Orixá quando jovem. Ainda há os que defendem a idéia de que Oxaguiã é um orixá que nada tem a ver com Oxalá além do fato de ter recebido de Olorum a missão de criar para o homem a



IROCO

cultura material, avançando assim a criação da humanidade.

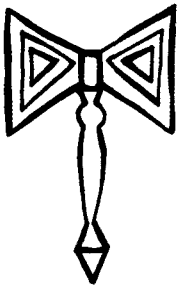
Completando esse panteão complexo e diversificado, resumido no Quadro 1, há os orixás que cuidam da saúde, da família, das viagens e das comunicações, do comércio, da magia, do oráculo. Enfim, tudo o que o homem faz e vive tem seu deus protetor, cada aspecto da sociedade tem seu orixá. A cada dimensão da sociedade e da cultura se junta algum aspecto importante da natureza: são as duas faces do orixá, as duas faces do mundo em que vivemos.

Quadro 1. Sexo e domínios dos orixás na natureza, sociedade e cultura

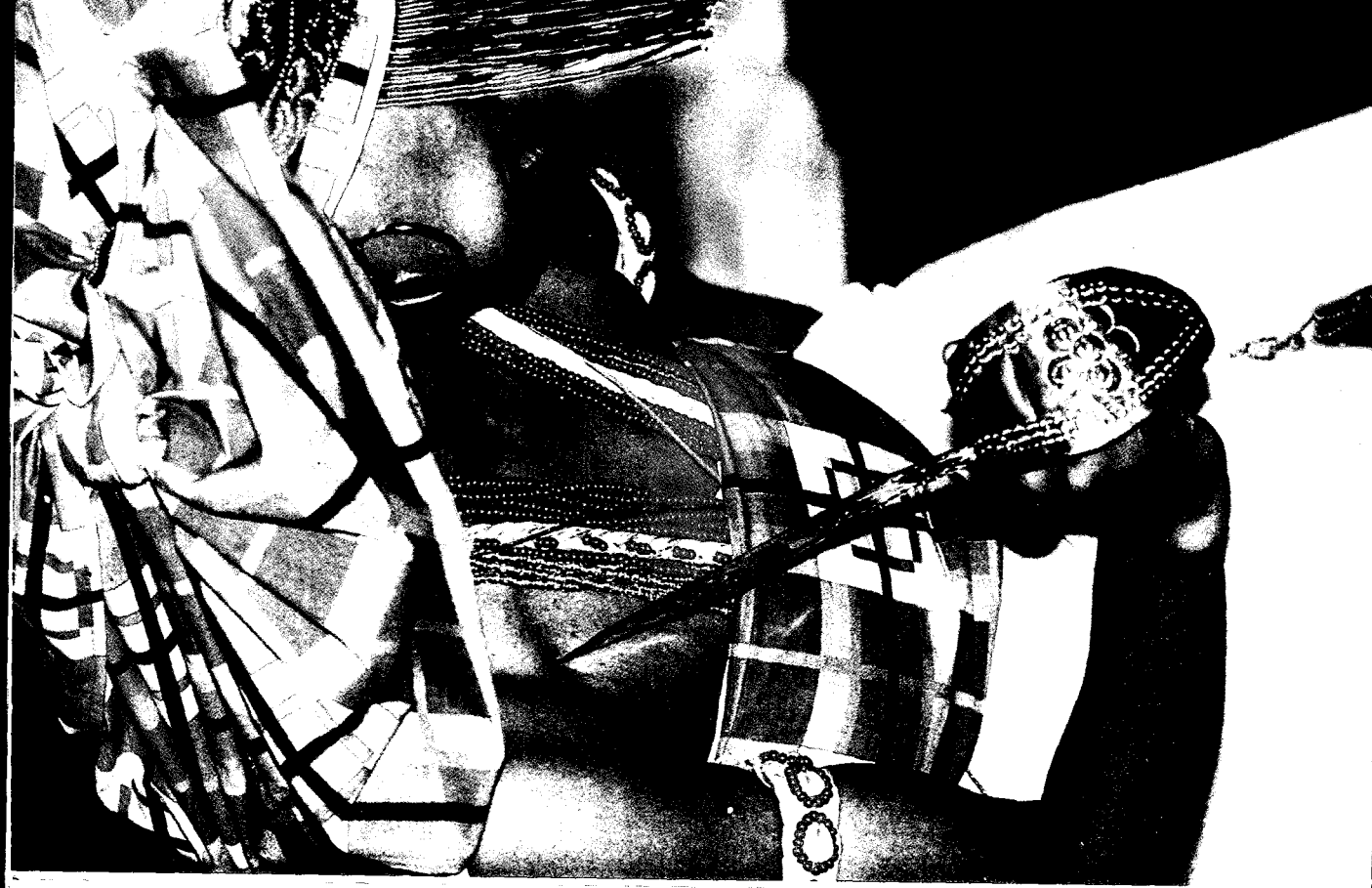
Orixá	Sexo*	Natureza	Sociedade e cultura
Exu	M	movimento, reprodução	comunicação, comércio
Ogum	M	minério de ferro	tecnologia, oportunidades sociais, guerra
Oxóssi	M	matas	caça, fartura de alimentos
Logum Edé	B	margens dos rios	caça e pesca
Ossaim	M	folhas, ervas	farmacologia
Oxumarê	H	arco-íris, chuva	riqueza das colheitas
Omulu ou Obaluaê	M	peste, doença	medicina
Ocô	M	fertilidade do solo	agricultura
Iroco	M	árvores, circulação sanguínea	ecologia, tradição
Xangô	M	trovão, fogo	justiça, burocracia
Obá	F	rio	trabalho doméstico
Iansã ou Oiá	F	raio, tempestade	sexualidade, cuidado dos mortos
Oxum	F	águas doces, ouro, fertilidade da mulher	amor, vaidade, riqueza
Nanã	F	lama	sabedoria, senioridade
Euá	F	fontes	magia
Iemanjá	F	águas salgadas	maternidade, equilíbrio emocional
Ibejis	M	gêmeos	infância
Ifá ou Orunmilá	M	fenômenos cíclicos	oráculo, memória coletiva, mitologia
Onilé	F	a terra	ancestralidade
Odudua	M/F	terra	fundação de cidades
Oxaguiã	M	ar	cultura material
Oxalá ou Obatalá	M/F	ar	paternidade

* M = masculino; F = feminino; B = bissexual; H = hermafrodita.

Os homens agradam aos deuses oferecendo-lhes uma parte do que produzem para a própria sobrevivência, especialmente a comida. É assim nas religiões de culto aos antepassados. Os mortos continuam a ser considerados membros presentes da família e devem ser tratados como tal. Recebem tratamento semelhante ao dispensado aos vivos, sendo portanto alimentados. Quando os antepassados são divinizados, continuam a merecer a mesma atenção, agora por parte de uma comunidade de culto que é muito ampla e que extravasa os limites da família original. Chamamos essas religiões que oferecem aos deuses tributos materiais na forma de comida, bebida e objetos de uso pessoal de religiões sacrificiais. A carne é um item fundamental da dieta humana e, por conseguinte, da dieta divina.



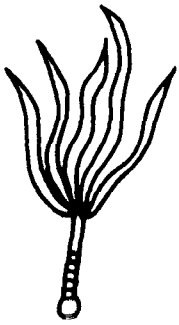
XANGÔ



Animais são abatidos em oferenda aos orixás, como acontecia nas religiões das civilizações antigas e clássicas e até em algumas religiões contemporâneas. Usualmente, a maior e melhor parte da carne dos animais sacrificados é consumida pelo grupo de fiéis numa cerimônia de comunhão dos homens com os deuses.

Cada orixá tem suas preferências alimentares. Para agradá-lo e, assim, contar com sua proteção, é preciso saber de que tipo de carne ele gosta mais, quais os seus pratos prediletos, quais os temperos que devem ser usados, que bebidas devem ser oferecidas.

Conta a mitologia que há alimentos interditos a cada orixá. Por exemplo, Oxalá não bebe vinho-de-palma e não come nada que seja preparado com azeite de dendê, isso por ter um dia se deixado embebedar com vinho extraído do dendezeiro, descuidando-se das ordens que recebera de Olorum na criação do mundo. Oxóssi não suporta mel de abelhas, porque Oxum usou o mel para



se cobrir de folhas e seduzi-lo, fazendo-se passar por entidade do mato, quando na verdade era do rio, que Oxóssi rejeitava. São os tabus alimentares.

O Quadro 2 mostra as principais preferências e proibições alimentares de cada orixá. Para estar bem com os deuses, o bom devoto dos orixás precisa conhecer bem o gosto e os tabus de cada um.

Quadro 2. Alimentos preferidos e interditos

Orixá	Alimentos preferidos	Tabus alimentares
Exu	BODE, GALO, FAROFA, INHAME	CARNEIRO, PORCO, AZEITE DOCE
Ogum	CABRITO, GALO, INHAME, FEIJOADA	CARNEIRO, RÃ, CAJÁ
Oxóssi	CABRITO, JAVALI, COELHO, FAISÃO, MILHO	PEIXE DE PELE, MEL, FEIJÃO-BRANCO, JACA
Logum Edé	CASAL DE CAPRINOS, AVES, MILHO E FEIJÃO FRADINHO	OS MESMOS DE OXÓSSI E OXUM
Ossaim	CABRITO, FRANGO, MILHO, FRUTAS	CERTOS CAROÇOS E SEMENTES
Oxumarê	CASAL DE CAPRINOS, GALO, GALO, BATATA DOCE	PEIXE SECO, CARNEIRO, MARACUJÁ
Omulu	BODE, PORCO, GALO, FEIJÃO	CARANGUEJO, CARNEIRO, JACA, BANANA-PRATA
Iroco	CABRITO, GALO, [illegible]	CARNEIRO, JACA
Xangô	CARNEIRO, [illegible], GALO, QUIABO	CABRITO, FEIJÃO-BRANCO
Obá	CABRA, GALO, [illegible]	OVELHA, MARISCOS
Iansã	CABRA, GALO, [illegible]	OVELHA, CÁGADO, ABÓBORA
Oxum	CABRA, GALINHA, POMBA, FEIJÃO FRADINHO COM OVOS COZIDOS	*OVELHA, PEIXE DE PELE, QUIABO*
Nanã	CABRA, CAPIVARA, GALINHA, RÃ, MINGAU	OVELHA, PIMENTA
Euá	CABRA, PATA, FEIJÃO PRETO, OVO	GALINHA, BEBIDA ALCOÓLICA
Iemanjá	CABRA, OVELHA, GALINHA, PATA, PEIXE DE ESCAMAS, ARROZ, CANJICA	PEIXE DE PELE, CARACOL, QUIABO
Ibejis	*AVES, CARURU, DOCES*	*BEBIDA ALCOÓLICA*
Oxaguiã	CARACOL, INHAME PILADO, CANJICA	AZEITE DE DENDÊ, SAL, BEBIDA ALCOÓLICA
Oxalá	CABRA, CARACOL, POMBA, ARROZ, CANJICA, INHAME PILADO, MELÃO	AZEITE DE DENDÊ, SAL, BEBIDA ALCOÓLICA

Cada orixá tem sua, digamos, profissão e é o patrono dos humanos que exercem atividades semelhantes àquela que ele teria realizado durante sua vida na Terra, nos tempos míticos.

Exu desempenha um papel especial: é o mensageiro dos deuses. É ele quem leva aos orixás as mensagens e oferendas enviadas pelos humanos. E traz de volta ao mundo dos humanos os desígnios dos deuses.

A mão dos orixás é vista em tudo o que acontece, e sempre lá está Exu também, no seu leva e traz ininterrupto e eterno. Nada acontece, nada se move sem a participação de Exu. Por isso ele é sempre o primeiro a receber oferenda, pois nem mesmo o orixá mais poderoso pode fazer nada sem a ajuda de Exu.

OBÁ

Relacionados às suas tarefas, cada orixá tem seus emblemas, suas insígnias, além de suas cores, como se vê no Quadro 3.

Branco é a cor dos orixás do ar; vermelho, a cor dos orixás do fogo. Os orixás da terra usam cores fortes e quentes, como os azuis e verdes bem escuros; os da água, cores suaves, como o verde-claro, o amarelo, o azul-claro.

A cor branca de Oxalá, o Criador, simboliza o princípio de tudo, quando nada se diferenciava. O cajado é seu emblema, representando a autoridade do ancião, do primeiro orixá. Oxaguiã, outro orixá da Criação, também usa branco, e seu emblema é a mão de pilão.

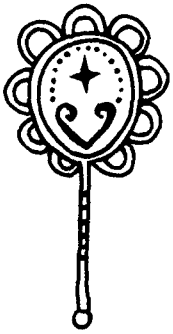
Xangô se veste de vermelho e branco, e seu símbolo é o machado de duas lâminas, que em várias civilizações representa a justiça. Vermelho e preto são as cores de Exu, e sua insígnia é o porrete fálico, que representa seu poder sobre a virilidade e a reprodução humana.

Quadro 3. Papel social, emblema e cores dos orixás

Orixá	Papel social	Emblema ritual*	Cores
Exu	MENSAGEIRO, COMERCIANTE	PORRETE (OGÓ)	VERMELHO E PRETO
Ogum	AGRICULTOR, GUERREIRO	FACA (OBÉ), INSTRUMENTOS DE FERRO (ARÓ)	AZUL-REAL, VERDE-ESCURO
Oxóssi	CAÇADOR	ARCO E FLECHA (OFÁ)	AZUL-TURQUESA, VERDE-FOLHA
Logum Edé	CAÇADOR E PESCADOR	ARCO E FLECHA E ABANO (OFÁ ABEBÉ)	AZUL E DOURADO
Ossaim	HERBORISTA	PASSARO DE FERRO (ERIN EFÉ)	VERDE E BRANCO
Oxumarê	ESCRAVO	[illegible]	PRETO E AMARELO
Omulu	CURADOR, MÉDICO	VASSOURA (XAXARÁ)	VERMELHO, PRETO E BRANCO
Ocô	AGRICULTOR	FOICE (OCÓ)	VERDE E BRANCO
Iroco	ANTEPASSADO	FOICE E FACA (IPECA)	BRANCO, VERDE E CINZA
Xangô	REI, JUIZ, GUERREIRO	MACHADO DUPLO (OXÉ)	VERMELHO E BRANCO
Obá	RAINHA, ESPOSA	FACA (OBÁ)	VERMELHO E DOURADO
Iansã	RAINHA, CONCUBINA	ESPANTA MOSCAS (ERUQUERÊ)	VERMELHO, MARROM, BRANCO
Oxum	RAINHA, AMANTE	ABEBÉ ESPELHO (ABEBÉ)	AMARELO, DOURADO
Nanã	AVÓ, MESTRA	CETRO EM FORMA DE LAÇO (IBIRI)	PÚRPURA, AZUL E BRANCO
Euá	VIRGEM	CABAÇA (ATÓ)	VERMELHO E AMARELO
Iemanjá	RAINHA-MÃE	ABEBÉ-ESPELHO (ABEBÉ)	AZUL E BRANCO, VERDE-MAR
Ibejis	CRIANÇAS	BONECOS (ERÊS)	TODAS AS CORES
Ifá	ADIVINHO	DEZESSEIS BÚZIOS (ERINDILOGUM)	AMARELO E VERDE
Oxaguiã	REI, GUERREIRO, INVENTOR	MAO DE PILÃO (OMÓ ODÔ)	BRANCO
Oxalá**	PAI, CRIADOR	CAJADO (OPAXORÓ)	BRANCO

* Entre parênteses, o nome do emblema ou ferramenta na língua ritual de origem iorubá.

** Nas cerimônias públicas, os orixás femininos, assim como Logum Edé e Oxalá, são geralmente representados com o rosto coberto por uma cortina de contas.



OXUM

Oxum usa amarelo e dourado, cores da riqueza, e leva na mão um espelho, símbolo da beleza e da vaidade.

Iansã veste-se de vermelho, marrom e branco. Com um espanta-moscas, símbolo de realeza entre os iorubás, ela afasta o espírito dos mortos para o outro mundo.

O arco-e-flecha é o símbolo de Oxóssi e de outros orixás caçadores. Ogum é o dono da faca, seu emblema principal. Oxóssi usa azul-turquesa ou verde-folha; Ogum, azul-real ou verde-escuro.

O símbolo de Omulu é uma vassoura estilizada, com a qual ele limpa os ambientes da peste. Cobre-se de palha-da-costa, que esconde as cicatrizes da varíola, e usa preto, vermelho e branco.

As cores de Iemanjá são as do mar: verde-claro, branco, azul-claro. Leva na mão um abano com espelho, símbolo de sua condição feminina e de sua realeza.

As chamadas religiões afro-brasileiras formaram-se num período em que o catolicismo era a religião oficial do Brasil. Nenhuma outra era tolerada. Todo brasileiro, fosse branco, índio ou africano, devia ser católico. Antes de serem embarcados nos navios negreiros, ainda na África, ou logo na chegada ao Brasil, os escravos eram batizados e introduzidos nas práticas da Igreja católica.

Os negros que instituíram no Brasil o candomblé e outras religiões de origem africana eram, por força da sociedade da época, também católicos. Acabaram por estabelecer paralelos entre as duas religiões, identificando orixás com santos católicos, quando não com o próprio Filho de Deus dos cristãos ou sua mãe, a Virgem Maria. A isso se deu o nome de sincretismo afro-brasileiro.

Xangô, orixá do trovão, foi identificado com São Jerônimo, o protetor católico contra as tempestades. Iansã e Santa Bárbara, ambas associadas ao raio, passaram a ser vistas como uma única santa. Oxalá, o pai criador, fez-se Jesus Cristo; Iemanjá, a grande mãe, foi sincretizada com Nossa Senhora. Na velha Nanã enxergou se Santana, mãe de Maria.

Para cada orixá, um santo. Acabou-se traduzindo a palavra orixa pela palavra santo. Olorum e Olodumare passaram a ser nomes iorubás para o Deus judaico-cristão.

Para completar o sincretismo santo-orixá, alguém deveria, evidentemente, assumir o lugar do diabo cristão. Certas características de Exu fizeram dele o candidato ideal: astúcia, libidinagem, indiferença moral. Como o carteiro moderno, que não lê as cartas que entrega, Exu leva toda e qualquer mensagem, independente do conteúdo, seja do bem ou do mal. E assim o

brincalhão mensageiro africano foi confundido no Brasil com o diabo.

Os orixás já conviviam na África com outros deuses. No Brasil, onde se juntaram escravos de origens étnicas diversas, esse convívio foi intensificado, especialmente com os voduns dos povos jejes e os inquices dos povos bantos. Correspondências estreitas foram estabelecidas também entre esses panteões. Assim, os orixás podem ser chamados também por nomes jejes e bantos, além dos nomes de santos católicos, conforme mostra o Quadro 4.

Outros tipos de influência entre essas religiões foram pouco a pouco dando uma forma bem brasileira às religiões africanas. Mitos foram adaptados à nova realidade social, rituais ganharam feições mais condizentes com o novo território. Os deuses africanos tornaram-se, assim, deuses afro-brasileiros.

Quadro 4. Sincretismo

Orixá	Vodum (fon)	Inquice (banto)	Sincretismo católico
Exu	Elegbara	Aluviá, Bombogira	Diabo, São Gabriel Arcanjo
Ogum	Gu, Doçu	Roximucumbe	Santo Antônio, São Jorge
Oxóssi	Azacá, Agüê	Gongobira, Tauamin, Mutacalombo,	São Sebastião, São Jorge
Logum Edé	Boço Jara	Telecumpenso	São Miguel Arcanjo
Ossaim	Alogué, Agué	Catendê	Santo Onofre
Oxumarê	Dangbê, Bossuco, Bessem	Angoro	São Bartolomeu
Omulu	Acóssi-Sapatá, Xapanã, Ajunsum	Calengo, Calenge	São Roque, São Lazaro
Iroco	Loco	Tempo	São Francisco
Xangô	Badé, Xadantá	Zaci, Tuango	São Jerônimo, São João, São Pedro
Obá	—		Santa Joana d'Arc
Iansã	Sobô	Matamba, Bamburucema	Santa Bárbara
Oxum	Naveorualim, Navezuarina, Aziritolá	Dandalunda, Quissambo	N. Sra. das Candeias, N. Sra. da Conceição
Nanã	Nanã	Zambaranda	Santana
Euá	Euá	Minagange, Quissambe	Santa Lúcia, N. Sra. do Carmo
Iemanjá	Abê, Aziritobôssi	Caia, Samba, Calunga	N. Sra. da Conceição, N. Sra. dos Navegantes
Ibejis	Tossá e Tossé	Vunji	São Cosme e São Damião
Odudua	Mavu		—
Oxaguiã	Lissá	Lemba	Menino Jesus
Oxalá	Arronovissavá	Lemba	Jesus Cristo
Olorum ou Olodumare*	Avievodum	Zambi	Deus

* Deus supremo.

Considerando-se a divisão do trabalho divino, é possível estabelecer paralelos entre orixás, deuses gregos e romanos, e deuses do antigo Egito.

Exu ocupa-se de tarefas similares às de Hermes, dos gregos, e Mercúrio, dos romanos. São mensageiros dos deuses.

Xangô é o senhor da tempestade e da justiça, como Zeus e Júpiter. Muitas características de Amon, egípcio, o aproximam de Zeus e Xangô, deuses que têm o carneiro como animal-símbolo.

NANÃ

A Afrodite grega, a Vênus romana e a Hátor dos antigos egípcios são divindades do amor, como Oxum.

Ísis, uma das mais importantes divindades egípcias, mais tarde incorporada ao panteão do Império Romano, corresponde a Iemanjá por sua característica de grande

mãe. Em termos de seu domínio do mar, contudo, Iemanjá está próxima a Posêidon, grego, e Netuno, romano.

O cuidado com os mortos faz parte das tarefas de Iansã, Hades e Osíris.

No patronato da caça estão Oxóssi, Ártemis e Diana.

Enquanto o oráculo iorubá é presidido por Ifá, Apolo ocupa lugar proeminente no oráculo grego, assim como Toth no do Egito.

A criação da humanidade, que africanos e afro-brasileiros atribuem a Oxalá, no antigo Egito era atribuição de Ptá.

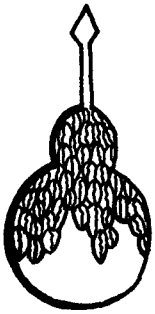
O Quadro 5 dá um pequeno resumo comparativo.

Embora as práticas culturais e as organizações sociais variem de um povo a outro, as necessidades mais fundamentais que devem ser superadas para a sobrevivência humana se repetem no trabalho, na reprodução humana, na administração dos bens comuns e até na guerra. São eternos desafios que o

Quadro 5. Correspondência com deuses de outros panteões

Orixá	Deus grego	Deus romano	Deus egípcio
Exu	Hermes	Mercúrio	—
Ogum	Hefesto (forja) Ares (guerra)	Vulcano (forja), Marte (guerra)	Bastet (guerra)
Oxóssi	Ártemis	Diana	—
Ossaim e Omulu	Asclépio	Esculápio	Secmet
Ocô	Demeter	Ceres	
Xangô	Zeus	Iupiter	Amon
Iansã	Hades (mortos)		Osiris (mortos)
Oxum	Afrodite	Vênus	Hátor
Iemanjá	Posêidon (mar)	Netuno (mar)	Ísis (grande mãe)
Ibejis	Cástor e Pólux		—
Onilé	Gaia ou Géa	Terra	—
Ifá	Apolo (oráculo)		Toth (oráculo)
Oxalá	—		Ptá (Criação)

homem enfrenta, qualquer que seja sua cultura. Em cada uma dessas situações a vencer, os deuses surgem como parceiros sobrenaturais da humanidade. Os deuses fazem no mundo mitológico o que os homens precisam fazer no mundo real.



EUÁ

INICIAÇÃO

OS HOMENS E AS MULHERES SE PARECEM COM OS ORIXÁS DE QUE DESCENDEM

Os orixás são muito diferentes entre si, mas cada um conserva atributos que são próprios do elemento a que está associado — ar, terra, água ou fogo.

Os orixás do ar, grupo ao qual pertencem Oxalá e Oxaguiã, têm certa frieza, são castos, pacíficos, tranqüilos, equilibrados. Mas nem sempre.

Os da terra, como Ogum e Oxóssi, são quentes, agressivos, fecundos. Às vezes hostis, são fortes e bravos.

Os orixás do fogo, como Xangô, têm a paixão, a volubilidade e a turbulência. São nervosos, majestosos, gulosos, lascivos e amantes da justiça.

Os da água, grupo ao qual pertencem as divindades femininas Oxum, Iemanjá e Obá, são sensíveis e emotivos, podendo ser traiçoeiros como as corredeiras e imprevisíveis

como as fontes, mas de modo geral são tranqüilos e não agressivos, amorosos, férteis e maternais.

Alguns orixás se enquadram em mais de um elemento. Além das características gerais dos elementos, cada orixá tem as suas próprias. Cada um com sua biografia mítica, sua ocupação na divisão do trabalho, seu lugar específico na família dos deuses. No candomblé, acredita-se que homens e mulheres herdam as características dos orixás dos quais descendem espiritualmente.

Na África, o orixá era uma herança em linha paterna. Todos os filhos herdavam o orixá do pai, que o recebera do avô, que, por sua vez, herdara o do bisavô etc. Podia-se traçar essa linha até o ancestral fundador da família. Como o moderno sobrenome, o nome de família. No Brasil, a escravidão deixou para trás os laços de família dos africanos, dispersando seus membros e fazendo que, isolados uns dos outros, perdessem a origem familiar. Novos nomes e novas

ORIXÁS DANÇANDO

famílias, cristãos, eram impostos aos escravos. Desde então, no Brasil, para saber de que orixá alguém descende, é preciso consultar o oráculo. Antes a origem era definida pelo sangue; hoje, pela prática religiosa. O sacerdote joga os búzios e diz qual é o orixá daquela pessoa.

Quando se sabe qual é o orixá da pessoa, pode-se antever como ela se comportará no dia-a-dia, pois se acredita que o ser humano herda preferências, desejos, temores e modos de agir próprios de seu orixá. Agem de acordo com o que os mitos contam. Tal pai, tal filho.

Os filhos de Xangô, por exemplo, tendem a ser majestosos, voluptuosos, amantes do poder, comilões.

Os de Oxum são amorosos, vaidosos, amantes da riqueza.

Filhos de Ogum são dotados para o trabalho manual, determinados e corajosos. Muitas vezes deixam extravasar a agressividade de guerreiros.

OMULU

Os descendentes de Oxalá são calmos, pacientes, obstinados e um tanto frios, enquanto os de Oxóssi juntam a curiosidade à paciência.

E assim por diante.

Um exame cuidadoso dos mitos permite uma composição bastante rica e complexa do que seria o modelo de personalidade dos filhos de cada orixá, como resume o Quadro 6.

Os devotos do candomblé crêem, assim, que os seres humanos são cópias pálidas e toscas dos orixás. Não carregam, evidentemente, nem sua grandeza nem sua imortalidade. Homens e mulheres nada mais fazem do que repetir, de modo grosseiro e imperfeito, as aventuras míticas dos orixás. Assim, para os devotos do candomblé, cultuar os orixás pode ensinar também a compreender melhor o ser humano.

Quadro 6. Elementos e personalidade dos orixás e seus descendentes

Orixá	Elemento	Atributos de personalidade
Exu	fogo e terra	astúcia, esperteza, rapidez, prontidão, libidinagem, gula
Ogum	terra	determinação, inventividade, devoção ao trabalho
Oxóssi	terra	paciência, curiosidade, cuidado da família
Logum Edé	água e terra	duplicidade, inconstância, jovialidade
Ossaim	terra	timidez, reserva, sabedoria
Oxumarê	água	debilidade, metamorfose
Omulu	terra	depressão, tristeza, solidariedade
Iroco	terra	perseverança, teimosia, força, tradicionalismo
Xangô	fogo	majestade, vontade de poder, ganância, voracidade, volúpia
Obá	água	subserviência, ingenuidade, propensão à vida doméstica
Iansã	água, ar e fogo	coragem, independência, espalhafato, sensualidade
Oxum	água	vaidade, sedução, amorosidade, ganância
Nanã	água e terra	sabedoria, senioridade, introspecção, rabugice
Euá	água	perdição, desconfiança, gosto pelo mistério
Iemanjá	água	maternidade, caráter superprotetor, indiscrição
Oxaguiã	ar	criatividade, autonomia, liderança, obstinação
Oxalá	ar	leveza, calma, lentidão, paciência, teimosia, auto-suficiência

O culto aos orixás, tal como se realiza no candomblé, depende de uma complexa organização sacerdotal, com muitos cargos e tarefas que são distribuídos entre os adeptos.

A mãe-de-santo é a sacerdotisa-chefe do templo, que no Brasil é chamado terreiro. É considerada mãe espiritual dos demais membros da comunidade de culto, denominados filhos-de-santo. O nome mãe-de-santo é a tradução de ialorixá, termo da língua iorubá. Quando o chefe é masculino, diz-se pai-de-santo, do iorubá babalorixá.

São secundados pela mãe-pequena ou pelo pai-pequeno.

Os filhos-de-santo iniciados para dançar e permitir que os orixás se manifestem em seu corpo, durante o transe ritual, são chamados iaôs. Podem ser mulheres ou homens.

As mulheres que não entram em transe e que dançam com os orixás manifestados nos iaôs são as equedes. São responsáveis também pelo cuidado das roupas e ornamentos sagrados.

Os alabês são os homens que tocam os tambores e outros instrumentos. O axogum é o responsável pelo sacrifício dos animais. O encarregado da conservação dos altares é o pejigã. Esses sacerdotes, todos homens que não entram em transe, são genericamente chamados de ogãs. O título de ogã também é atribuído a homens que, por sua elevada posição na sociedade fora do terreiro, podem oferecer ajuda, proteção e prestígio social ao grupo de culto.

Depois de cumprir obrigações rituais durante sete anos, os iaôs recebem o título de ebômi, que pode ser traduzido por minha irmã mais velha ou meu irmão mais velho. Podem então assumir tarefas especializadas na divisão do trabalho sacerdotal e, dependendo de outras condições, tornar-se mãe

ou pai-de-santo e fundar seus próprios terreiros de candomblé.

A cozinheira dos deuses é a iabassê. A sacerdotisa encarregada de zelar pelos filhos-de-santo que se encontram recolhidos para os ritos iniciáticos é a ajibonã. Há ainda os que cuidam das oferendas a Exu, os cantores, os que ajudam a mãe-de-santo em certas atividades dos ritos iniciáticos, os responsáveis pela segurança.

Na África, o babalaô é o sacerdote encarregado de interpretar os desígnios dos orixás, diagnosticar doenças e identificar a origem dos mais diferentes males. Ele consulta o oráculo e indica quais oferendas devem ser feitas aos orixás para que eles ajudem os humanos a resolver seus problemas. Cabe ao babalaô aprender de cor todo o conjunto de mitos que compõem o saber iorubá. Ele usa os mitos para decifrar o que se passa na Terra, pois acredita-se que aquilo que acontece agora aos humanos já aconteceu aos orixás num tempo remoto. Babalaô

significa pai do segredo, ou senhor do saber. É o sacerdote do oráculo de Ifá. No Brasil esse sacerdócio foi assumido pela mãe-de-santo ou pelo pai-de-santo, que tem

IEMANJÁ

a prerrogativa de fazer o jogo de búzios, um oráculo de Ifá simplificado. Os mitos, em versões resumidas, são mantidos pelo conjunto dos religiosos e continuam a ser transmitidos nos terreiros oralmente, de geração a geração.

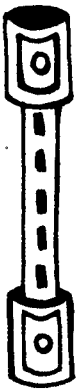
Outro sacerdote importante é o olossaim, o encarregado de colher e sacralizar as folhas usadas nos ritos.

Uma das bases da religião dos orixás é a crença de que uma energia de origem divina move o mundo. Sem ela nada de bom pode acontecer. Essa energia se encontra sobretudo na natureza, nas folhas e no sangue dos animais, e pode ser usada em benefício dos homens. É o axé, a força dos orixás. O rito realizado pelo axogum, o sacrificador, acessa o axé contido no mundo animal; o rito do olossaim, o axé do mundo vegetal.

À mãe-de-santo cabe, por meio dos ritos, acumular, fortalecer e distribuir o axé dos orixás a seus filhos-de-santo e a quais-

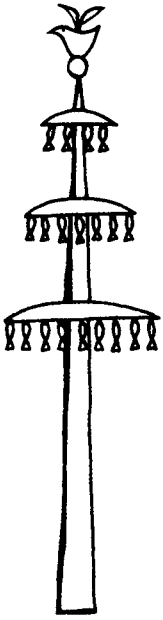
quer outras pessoas que eventualmente recorram aos orixás em busca de ajuda. Para que sejam saudáveis, prósperos, felizes e realizados, para que tenham vida longa e possam viver em paz e em equilíbrio com os orixás, isto é, com a natureza e a sociedade.

SAUDAÇÃO



OXAGUIÃ

Acredita-se que os orixás vieram da África acompanhando seus filhos humanos nos navios negreiros e que os seguirão por toda parte, qualquer que seja o caminho tomado pelos homens e pelo próprio mundo. São deuses da diáspora negra, e seu destino é se espalhar pelos mais distantes lugares, assumindo feições condizentes com um mundo em permanente transformação. Na dispersão, foram adotados por filhos brancos, pardos, amarelos e mestiços das mais diversas origens, transformando-se em deuses universais, ainda que africanos. Afinal, como gostam de lembrar os seguidores do candomblé, o homem teria surgido, segundo descobertas recentes da paleontologia, num local próximo a Ilê Ifé, na África, ali onde os orixás, um dia, a mando de Olorum, teriam criado o mundo.



OXALÁ

Os mitos falam de guerras e disputas que os orixás mantêm entre si. Lutam sobretudo para ampliar seu poder e alargar os limites de seu patronato. Porque nem tudo que existe no mundo, em cada época, existia nos tempo da Criação, e o mundo nunca parou de ser criado.

Quando a cultura e a sociedade mudam, originando novas necessidades e soluções, os orixás acrescentam novas dimensões a seus domínios. Não é de estranhar que Exu, o mensageiro dos deuses, o correio entre os mundos, o senhor da comunicação, seja considerado hoje o orixá da internet. Nem que Omulu, orixá da varíola, hoje dominada pela medicina, tenha assumido o lugar de protetor contra a aids. Nesse mesmo movimento, orixás dos rios, das matas, da terra passaram a ser invocados na defesa da ecologia e do planeta. O pára-raios faz hoje pelos homens o que se esperava de santos e orixás: protege contra os raios. Iansã, a senhora da tempestade, foi então

cuidar da luta das mulheres, transformando-se em emblema do feminismo. E assim por diante.

Para os que crêem, aonde quer que o homem vá, o que quer que ele enfrente, os orixás estão sempre prontos para ajudá-lo na nova luta. O mundo se transforma, os deuses mudam, a religião se atualiza. É o que conta a história da humanidade em sua aventura na Terra. Os contos e lendas da Criação, em suas múltiplas versões, narram apenas um dos possíveis começos desta longa jornada. A ciência moderna também oferece sua versão, na qual não há espaço para deuses e seus desígnios.

Os contos e lendas deste livro foram baseados nos mitos contidos em *Mitologia dos orixás*, de minha autoria, publicado pela Companhia das Letras (2000), onde o leitor interessado pode encontrar mitos de todos os orixás e sobre os mais diferentes aspectos da vida. Para este livro, foram selecionados apenas alguns, aqueles que tratam da Criação. Ao redigir este livro, mantive os conteúdos originais dos mitos, mas me permiti grande dose de liberdade na forma de apresentar os orixás e suas aventuras.

Adetutu, ou Maria da Conceição, é personagem fictícia, criada com o fim de estabelecer uma ligação narrativa entre mitos originalmente independentes uns dos outros

e introduzir informações mínimas sobre a escravidão e a instituição do culto dos orixás no Brasil.

O templo de candomblé supostamente fundado por mãe Conceição pertence, como ela, ao reino da ficção. Sabe-se que aquele que seria o mais antigo terreiro brasileiro de culto aos orixás teria sido inaugurado por volta do ano de 1830, na cidade de Salvador, Bahia, no dia em que se celebrava, nas igrejas, a festa de São Pedro, com quem o orixá daquele primeiro templo é sincretizado. Nesse dia também se realizava a festa do imperador d. Pedro I. Mas há outras versões.

O terreiro de que fala este livro e a data de sua inauguração devem ser vistos pelos leitores como uma alegoria.

Este livro foi escrito por iniciativa de Lilia Moritz Schwarcz, que acompanhou sua realização desde o primeiro esboço do projeto. Durante a redação, contei com a leitura crítica e animada de Rosa Maria Bernardo, e suas sugestões foram para mim de grande valia. Denise Pessoa cuidou das diferentes etapas da edição do texto. Joana Lira ofereceu uma parceria que resultou em vivas e belas ilustrações. A edição gráfica ficou por conta de Helen Nakao, com a ajuda de Geane Mantovani e Renan Botelho. O livro não se concretizaria em papel sem o trabalho de produção gráfica de Elisa Braga.

As fotografias foram possíveis graças à colaboração sempre amiga e compreensiva

de Pai Armando Akintundê Vallado de Ogum, babalorixá do Candomblé Casa das Águas, localizado em Itapevi; de Pai Pércio Geraldo da Silva de Xangô, babalorixá do Ilê Alaketu Axé Airá, de São Bernardo do Campo; de Pai Carlito Maciel de Oxumarê e Mãe Carmen Corde de Oxum, dirigentes do Ilê Olá Omin Axé Opô Araká, de São Bernardo do Campo; e do falecido Pai Doda Braga de Ossaim, babalorixá do Ilê Axé Ossaim Darê, de São Paulo. Seus filhos-de-santo foram fotografados em momentos rituais em que, em transe, incorporavam seus orixás. Sinto-me muito honrado por ter merecido sua confiança.

A todos, muito obrigado.

Meu nome é REGINALDO PRANDI e nasci em Potirendaba, uma pequena cidade do interior de São Paulo. Aos dezoito anos, para estudar, mudei para a capital, onde moro até hoje. Desde pequeno gostava de ler e, depois que me formei e fui trabalhar como professor na Universidade de São Paulo, passei a escrever. Mas escrevia apenas livros de sociologia e mitologia, por causa da minha profissão de sociólogo. Em 2001 publiquei meu primeiro livro infanto-juvenil, o *Ifá, o Adivinho*. Foi ótimo, pois ganhei muitos novos leitores e alguns prêmios. Depois vieram *Os príncipes do destino*; *Xangô, o Trovão*; *Oxumarê, o Arco-Íris*; *Contos e lendas afro brasileiros — A criação do mundo*. Só sei que tomei gosto e não parei mais. Escrevi também um livro baseado em histórias que ouvia uma tia-avó contar. Pelo título, *Minha querida assombração*, dá para adivinhar que histórias eram essas. Quando tentei fazer a continuação desse livro, com os mesmos personagens, acabei escrevendo um romance policial, porque os personagens que eram crianças no primeiro livro já tinham crescido e ficado adultos. E, sem querer, foram envolvidos na investigação de um crime. Um desses livros logo, logo vai virar filme e passar nos cinemas. Tente imaginar qual deles será...

Ao publicar meus livros infanto-juvenis, tive a parceria de artistas que os ilustraram e se tornaram grandes amigos meus: Pedro Rafael, Paulo Monteiro, Rodrigo Rosa e Joana Lira.

ESTA OBRA FOI COMPOSTA EM TIMES E IMPRESSA PELA GEOGRÁFICA
EM OFSETE SOBRE PAPEL ALTA PRINT DA SUZANO PAPEL E CELULOSE
PARA A EDITORA SCHWARCZ EM JANEIRO DE 2009

do patrimônio mitológico iorubá que o Brasil herdou da África e que aqui se preservou ao longo de mais de um século, contado de boca em boca, aprendido de cor, transmitido de geração a geração. E que hoje é parte constitutiva da nossa cultura.

Reginaldo Prandi, paulista de Potirendaba, é professor de sociologia da Universidade de São Paulo e autor de livros de sociologia da religião, mitologia afro-brasileira, literatura infanto-juvenil e ficção policial. Seus principais livros são *Mitologia dos orixás*, *Segredos guardados* e *Morte nos búzios* (Companhia das Letras), *Os príncipes do destino* (CosacNaify), e *Ifá, o Adivinho*, *Xangô, o Trovão*, *Oxumarê, o Arco-Íris* e *Minha querida assombração* (Companhia das Letrinhas).

Joana Lira, artista plástica pernambucana residente em São Paulo, é também designer, ilustradora, ceramista e cenógrafa do carnaval de Recife. Ilustrou os livros *O bruxinho tímido e o lobisomem apaixonado* (Caramelo), *Eu acho é pouco* (Escala Educacional) e *O palhaço e a bailarina* (Edelbra).

Adetutu, uma jovem africana, é aprisionada por caçadores de escravos e transportada ao Brasil em um navio negreiro. Durante a terrível viagem, ela sonha com a criação do mundo pelos orixás, deuses de seu povo. Ela torce para Oxalá realizar sua missão com sucesso, ganha a cumplicidade de Exu, vibra com a atuação de Xangô, emociona-se com Iemanjá.

Trazidos pelos escravos, os orixás se ambientaram no Brasil. Com suas crenças e costumes, os africanos trouxeram também sua versão mítica da criação do mundo, narrada em histórias repletas de aventuras, comoventes e até mesmo engraçadas, agora contadas neste livro.

ISBN 978-85-359-1053-7

9 788535 910537